

Transição defesa – ataque no Basquetebol

Zonas de recuperação da posse de bola, forma e consequência, com diferentes tipos de oposição – estudo descritivo numa equipa sénior CNB1

Carlos Pacheco

Porto, 2009

Transição defesa – ataque no Basquetebol

*Zonas de recuperação da posse de bola, forma e
consequência, com diferentes tipos de oposição –
estudo descritivo numa equipa sénior CNB1*

Monografia realizada no âmbito da disciplina
de Seminário do 5º ano da licenciatura em
Desporto e Educação Física, na área de alto
rendimento - Basquetebol, da Faculdade de
Desporto da Universidade do Porto

Orientador: Professor Doutor Amândio Graça
Carlos Pacheco

Porto, 2009

Pacheco, C. (2009). *Transição defesa-ataque no Basquetebol. Zonas de recuperação de posse de bola, forma e consequência, com diferentes tipos de oposição – Estudo descritivo numa equipa sénior da CNB1* .

Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE:

TRANSIÇÃO DEFESA-ATAQUE; 1º CONTRA-ATAQUE; 2º CONTRA ATAQUE; ATAQUE RÁPIDO; ATAQUE POSICIONAL; NÍVEL DO ADVERSÁRIO.

AGRADECIMENTOS

Como em qualquer projecto na minha vida, este projecto de investigação tem várias pessoas que contribuíram de forma indelével para a sua concretização. Desejo por isso manifestar a minha gratidão:

- Ao Prof. Doutor Amândio Graça, por ter sido meu orientador, pelo apoio dado desde os primeiros passos deste trabalho, pela disponibilidade constante, sugestões, críticas e pelo interesse demonstrou na orientação do mesmo.

- A minha família e amigos pelo carinho e interesse

- Aos quadras, António Dias, Américo Santos, Francisco Neto pela amizade e irmandade

- A Cristina Maurício ao José Pacheco e a Ana Margarida por tudo o que sou.

- A Andreia pelo amor, pela partilha e pelo apoio constante

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	III
Índice Geral	V
Índice de Figuras	VII
Resumo	IX
Abstract	XI
Resumè	XIII
Lista de Abreviaturas	XV
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Pertinência do estudo	1
1.2. Objectivo e hipóteses.....	3
1.3. Estrutura do estudo	3
2. REVISÃO DA LITERATURA	5
2.1. Fases de Jogo e Transição.....	5
2.2. A importância da Transição.....	6
2.2.1. O papel da Transição na formação de um jogador mais completo....	7
2.3. Fases da Transição defesa – ataque	8
2.3.1. Início da Transição defesa - ataque	8
2.3.2. Desenvolvimento da Transição defesa – ataque.....	9
2.3.3. Finalização da transição defesa - ataque	10
2.4. Formas de gestão da posse de bola.....	11
2.4.1. Controle de bola Vs. Contra-ataque.....	11
2.5. Definição de conceitos.....	12
2.5.1. Contra-ataque (CA).....	12
2.5.2. Ataque - Rápido (AR).....	13
2.5.3. Ataque de Posição (AP).....	13
2.5.4. Zonas de Recuperação de posse de bola	13
2.5.5. Formas de Recuperação de posse de bola	15
2.6. Análise do jogo de Basquetebol: contributos para a intervenção do treinador nas sessões de treino e na competição	16
2.7. Estudos sobre a Transição	17

3. METODOLOGIA.....	23
3.1. Amostra	23
3.2. Variáveis Estudadas.....	23
3.3. Procedimentos para recolha de dados.....	24
3.4. Fiabilidade	24
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	27
4.1. Resultados	27
4.2. Discussão dos Resultados	45
5. CONCLUSÃO	51
5.1. Sugestões de Investigação.....	52
6. BIBLIOGRAFIA	55
7. ANEXOS	61

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Figura 1 - Apresentação gráfica do meio campo de basquetebol (<i>Mikes, 1987; Oliveira, 1993; Silva, 1996; Cruz, 1998; Gomes, 2000; In Tavares e Cruz, 2002</i>).	14
Figura 2. Zona de Recuperação da Posse de Bola	27
Figura 3. Formas de Recuperação da Posse de Bola	28
Figura 4. Velocidade de Transição	29
Figura 5. Finalização da Transição	30
Figura 6. Consequência da Transição	31
Figura 7. Zonas de Recuperação da Posse de Bola	32
Figura 8. Forma de Recuperação da Posse de Bola	33
Figura 9. Velocidade de transição.....	34
Figura 10. Finalização da Transição	35
Figura 11. Consequência da Transição	36
Figura 12. Zona de Recuperação da Posse de Bola Transição Rápida.....	37
Figura 13. Forma de Recuperação da Posse de Bola Transição Rápida	38
Figura 14. Finalização da Transição. Transição Rápida	39
Figura 15. Consequência da Transição. Transição Rápida	40
Figura 16. Zona de Recuperação da Posse de Bola Transição Rápida.....	41
Figura 17. Forma de Recuperação da Posse de Bola Transição Rápida ...	42
Figura 18. Finalização da Transição. Transição Rápida	43
Figura 19. Consequência da Transição. Transição Rápida	44

RESUMO

O presente estudo emergiu da necessidade de compreender, de forma mais aprofundada, o modo como se desenvolve a transição defesa-ataque, em particular as zonas de recuperação da posse de bola, forma e consequência, com diferentes tipos de oposição.

Adoptou-se uma metodologia descritiva, analisando uma equipa sénior do CNB1, comparando as variáveis: zona de recuperação, forma de recuperação, velocidade da transição, finalização da transição e consequência, com o nível do adversário (inferior, equivalente e superior). Para tal, privilegiou-se o método de análise do jogo, por se revelar o mais consistente com as hipóteses propostas.

Partindo da hipótese inicial de que o padrão das transições se modifica mediante o adversário que se defronta, foram analisados nove jogos.

Sublinham-se como resultados mais importantes a primazia da recuperação de posse de bola nas zonas 8 e 9 (primordialmente antecedida pelo ressalto defensivo e cesto sofrido), bem como, o facto de a velocidade de transição ser tanto mais rápida quanto inferior é o nível de adversário. Simultaneamente, afigura-se como resultado a reter o facto de, no final das transições, a equipa privilegiar o 1º contra-ataque quando defronta equipas mais fortes (em 54,5% dos casos) e equivalentes (em 40,0% dos casos), ao passo que, quando defronta equipas de nível inferior, privilegia o ataque rápido (em 39,7% dos casos). Além disso, em transições rápidas, a forma de recuperar a posse de bola que sobressai é o ressalto defensivo, seguido do roubo de bola. Estas transições conduzem mais vezes ao 1º contra-ataque, seguido do ataque rápido, e, depois, pelo ataque planeado.

Conclui-se, assim, quanto à inferência da hipótese inicial, sustentada pela significância estatística dos resultados, sendo que, este estudo, em último grau, poderá contribuir para clarificar a incerteza que rodeia a investigação da transição ofensiva no basquetebol e, conseqüentemente, contribuir para a evolução do entendimento do jogo.

ABSTRACT

This study emerged from the need to understand, in more detail, how the transition defense- attack develops, particularly in the areas of recovery of possession, form and consequence, with different types of opposition.

We endorsed a descriptive analysis by examining a senior team of CNB1 comparing the variables: recovery area, form of recovery, speed of the transition, finalization of the transition and consequence, with the level of the opponent (less, equivalent, and above). To this end, we focused on the method of analysis of the game, which turned out to be the most consistent with the hypotheses proposed.

Assuming that the initial pattern of transitions is modified by the level of the opponent it faces, we analyzed nine games.

We highlight the most important results as the primacy of the recovery of possession in zones 8 and 9 (preceded by the primarily defensive rebound basket suffered) and the fact that the speed of transition is as faster as lower is the level of the adversary. At the same time, it is to retain the fact that at the end of the transition, the team focus on the 1st counter-attack when facing stronger teams (54.5% of cases) and equivalent (in 40.0% of cases), whereas, when facing teams below, highlights the fast attack (in 39.7% of cases). Moreover, in quick transitions, the way of retrieving the ball that stands out is the defensive rebound, followed by steals. These transitions lead more often to the 1st counter-attack, followed by rapid attack, and then planned the attack.

Thus, the initial hypothesis is inferred, supported by the statistical significance of results, and this study, in the last degree, could help to clarify the uncertainty surrounding the investigation of the offensive transition in basketball and, therefore, contribute to the evolution of the understanding of the game.

RESUMÉ

Cette étude a émergé de la nécessité de comprendre plus en détail, comment se développe la transition défense-attaque, notamment dans les domaines de la reprise de possession, et, par conséquent, les différents types d'opposition.

A approuvé une analyse descriptive en examinant une équipe senior de variables CNB1 comparant: zone de récupération, la vitesse de récupération de forme de la transition, l'achèvement de la transition et donc avec le niveau de l'adversaire (à peu près équivalentes et plus). À cette fin, nous nous sommes concentrés sur la méthode d'analyse du jeu, s'est avéré être le plus cohérent avec les hypothèses proposées.

En supposant que le motif initial de transitions est modifié par l'ennemi, elle est confrontée, nous avons analysé neuf matchs. Il met en relief les résultats les plus importants que la primauté de la reprise de possession dans les zones 8 et 9 (précédée par le panier essentiellement défensive et souffrait de rebond) et le fait que la vitesse de passage au plus vite et plus le niveau contradictoire. Dans le même temps, il est à retenir en raison du fait que, à la fin de la transition, l'accent équipe sur le comptoir 1st-attaque face à des équipes plus fortes (54,5% des cas) et l'équivalent (dans 40,0% des cas), alors que, face à des équipes ci-dessous, met en évidence l'attaque rapide (dans 39,7% des cas). En outre, dans les transitions rapides, comment récupérer la boule qui se détache est le rebond défensif, suivie d'interceptions. Ces transitions conduisent plus souvent à l'encontre 1st-attaque, suivi d'une attaque rapide, et ensuite planifié l'attaque.

Il est, par conséquent, l'inférence de l'hypothèse de départ, soutenu par la signification statistique des résultats, et cette étude, dans le dernier degré, pourrait contribuer à lever l'incertitude qui entoure l'enquête du basket-ball de transition dans l'offensive, et donc la évolution de la compréhension de la partie.

LISTA DE ABREVIATURAS

- 1CA** – Primeiro Contra-Ataque
- 2CA** – Segundo Contra-Ataque
- ACS** – Após Cesto Sofrido
- AOS** – Após Outras Situações
- AP** – Ataque Planeado
- AR** – Ataque Rápido
- ET** – Erro Técnico
- FS** – Falta Sofrida
- I** – Intersecção
- IN** – Igualdade Numérica
- INF** – Inferioridade Numérica
- JDC** – Jogos Desportivos Colectivos
- RB** – Roubo de Bola
- RD** - Ressalto Defensivo
- TO** – Turn-over

1.INTRODUÇÃO

Nos jogos desportivos colectivos (JDC), apesar do conteúdo aleatório e imprevisível, pretende-se que estes sejam organizados e identificáveis, na tentativa de se encontrarem padrões que nos permitam aumentar a qualidade do treino. Neste âmbito, a análise do jogo é objectiva e sistematizada, promovendo a construção de métodos de treino eficazes e estratégias de trabalho mais vantajosas (Garganta, 2000).

1.1. *Pertinência do Estudo*

Desta forma, a análise do jogo tem sido uma das metodologias mais utilizadas para orientar o conhecimento do mesmo (Janeira, 1988). Neste sentido, apontamos como finalidade deste estudo a contribuição para a árdua tarefa que se prende com o desmistificar do conceito de performance.

O basquetebol, como modalidade pertencente ao grupo dos JDC, apresenta uma complexa rede de interacção entre conceitos técnicos, táticos, psicológicos e físicos. Consequentemente, compreendem-se as dificuldades criadas pelas características específicas do próprio jogo e pela sua complexidade, para que este possa ser claramente compreendido pelos seus principais intervenientes.

Como em qualquer outro jogo desportivo colectivo, a equipa necessita de estar organizada – quer ofensivamente, quer defensivamente – procurando nas suas acções ofensivas a finalização com sucesso e, noutro sentido, evitando que o adversário alcance o objectivo do jogo, neste caso o cesto. Assim sendo, cada equipa deverá dominar na perfeição os princípios de cada um destes momentos do jogo para que a possibilidade de sucesso aumente.

O basquetebol caracteriza-se por um elevado número de alternâncias de posse de bola, o que requer que os jogadores e respectivas equipas se adaptem rapidamente às características de um novo momento de jogo. As passagens do momento ofensivo para o defensivo e do defensivo para o ofensivo podem ser traduzidas por um conceito tático: “Transição”.

No basquetebol actual, os momentos de transição assumem cada vez maior importância, dado que, a organização colectiva se revela difícil e a sua resolução origina, normalmente, desequilíbrios no resultado final. Araújo (2004) afirma que, segundo a opinião generalizada dos treinadores, durante um jogo de basquetebol, um terço do tempo decorre nas respectivas fases de transição, quer ofensiva, quer defensiva. Destaca-se assim, a existência de uma expressão colectiva no processo ofensivo e uma expressão colectiva no processo defensivo, ou seja, todos os jogadores atacam, todos os jogadores defendem (Queiroz, 1986). Contudo, surge a necessidade de referir que os 5 jogadores em campo o fazem de forma específica e distinta, tendo como referência a posição que ocupam em campo, bem como os princípios vigentes do modelo de jogo de cada uma das formações que representam. O rendimento não depende só da capacidade de jogar com bola e da eficácia destas acções, mas também da capacidade de dificultar e prejudicar as acções com bola do adversário (Pinto, J. & Garganta, J., 1989).

Podemos, então, caracterizar o jogo de basquetebol pela interacção contínua e inquebrantável entre os diferentes momentos do jogo (ofensivo, defensivo e respectivas transições). Tendo em conta o número reduzido de estudos que têm vindo a ser feitos relativos à temática das transições – com a importância que esta apresenta no próprio jogo de basquetebol, e, apoiando-nos também na ideia de Larrabee (1991) quando afirma que acredita que a maioria dos jogos a nível das *high schools* são ganhos nas fases de transição – surge uma vontade de entender como se realizam as transições no basquetebol nacional, debruçando-nos fundamentalmente sobre o momento da transição ofensiva (desde o momento em que a posse de bola é recuperada até ao meio campo adversário). Tentaremos perceber se as equipas demonstram diferentes tipos de organização neste momento de jogo, contra equipas de diferentes níveis, ou, se a sua organização se mantém inalterável. Isto é, tentaremos entender, através da observação na competição, momento de avaliação por natureza, se as equipas demonstram dominar este momento de transição ofensiva, atendendo à importância que este apresenta na prática da modalidade em questão. “*Nos dias de hoje o elemento estatístico mais significativo, logo a seguir ao*

número de lançamentos marcados e falhados, é o número de intercepções, ressaltos ofensivos e defensivos (recuperações de posse de bola) (Bellotti, 1989 In Andrade, M., 1993). Bellotti (1989), reitera que os ressaltos defensivos e as intercepções representam, em termos estatísticos, o mesmo valor, já que ambos conduzem à recuperação da posse de bola. (Bellotti, 1989 In Andrade, M., 1993)

Ambas as situações (intercepções e ressaltos) parecem bastante influentes, mas na realidade qual a sua verdadeira consequência no decorrer de um jogo de basquetebol? Serão os únicos parâmetros significativos? Na realidade, o que este estudo pretende é analisar as transições defesa - ataque, nomeadamente as zonas e a forma como é recuperada a posse de bola, bem como a forma como se desenrola a transição e como esta é finalizada. Neste sentido, proceder-se-á a uma comparação descritiva da performance de uma equipa face a adversários qualitativamente diferentes (muito superiores, equilibrados e muito inferiores), de modo a tentar compreender se existem ou não padrões na transição defesa-ataque em relação á qualidade da oposição.

1.2. Objectivos e Hipóteses

Decorrendo do que acima se expôs, consideramos importante identificar se a equipa em causa modifica a sua transição ofensiva mediante a qualidade da equipa adversária.

Podemos também referir objectivos específicos que correspondem às questões que derivam da forma como as diferenças existentes (ou não) se reflectem em componentes específicas dos processos de jogo.

Hipótese 1: o padrão das transições modifica-se mediante o adversário que se defronta

1.3. Estrutura do estudo

Relativamente à forma como será estruturado o presente estudo, identificam-se 5 capítulos principais: Introdução, Revisão da Literatura, Metodologia, Apresentação e Discussão de Resultados e Conclusão.

Na *Introdução*, será efectuada a contextualização da temática, reforçando a pertinência do tema e clarificando os principais objectivos e questões que dele decorrem.

Em relação à *Revisão da Literatura*, esta constituirá a base essencial para sustentar, em termos teóricos, as ilações que poderão vir a ser tecidas no futuro.

O terceiro capítulo é dedicado à *Metodologia* aplicada no estudo e compreende a caracterização da amostra, a descrição do método utilizado e a identificação das variáveis.

No capítulo dedicado à *Apresentação e Discussão de Resultados*, efectuar-se-á a apresentação dos resultados obtidos seguindo-se, com maior ênfase, a discussão dos mesmos.

O quinto e último capítulo concerne a *Conclusão*, onde se procederá a uma sùmula dos capítulos anteriores, sublinhando as principais conclusões a reter.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Fases de Jogo e Transição

O jogo de basquetebol contempla duas fases distintas, definidas pela posse de bola: se uma equipa se encontra na posse de bola está na fase ofensiva ou de ataque; se por outro lado, não se encontra na posse de bola, está, então, na fase defensiva ou de defesa (Araújo, 1981; Araújo, 1996; Adelino, 1994; Gomes, 2000 In Fernandes. J., 2002).

Segundo Teodorescu (1984) o ataque representa uma situação táctica na qual uma equipa na posse de bola cria a possibilidade de empreender acções ofensivas para obter pontos.

Em português, transição significa acto ou efeito de passar de um lugar para o outro, de um estado ou de um assunto para o outro (Lima, 1988 In Andrade. M., 1993). A passagem da defesa para o ataque e do ataque para a defesa é consequência da mudança da fase de jogo, causada pela alteração da posse de bola. Barreto (1986), (In Andrade M. 1993), refere que o conceito de transição defesa-ataque é independente do ganho de vantagem numérica ou da oportunidade de alcançar um cesto fácil. É algo que se faz sempre após a recuperação de posse de bola, sendo a primeira parte do ataque.

A ideia da realização da transição com elevada velocidade faz com que por vezes esta seja confundida ou identificada como contra-ataque. Contudo, Barreto (1986) (In Andrade, M., 1993) citando Jim Valdano, afirma que a transição não se trata de um contra-ataque.

Desta instabilidade conceptual surge a necessidade de definir determinados conceitos.

Em termos ofensivos (após recuperação da posse de bola), pode afirmar-se que as macro-estruturas do jogo são: o contra-ataque (CA), o ataque rápido (AR) e o ataque de posição (AP) (Graça e Oliveira, 1998; Cruz, 1998; Tavares, 1998; Gomes, 2000; Tavares e Cruz, 2002 , In Simão, P., 2005).

No presente estudo, o conceito operacional de transição ofensiva é entendido como se iniciando com recuperação da posse da bola, no meio campo defensivo, e termina quando se consuma um dos seguintes critérios:

- 1 – a equipa em posse de bola realiza contra-ataque
- 2 – a equipa em posse de bola realiza ataque rápido
- 3 – a equipa em posse de bola realiza um ataque posicional

2.2. A importância da Transição

Segundo Araújo, J. (2004), a utilização da transição defesa – ataque é imprescindível, na medida em que evita, sempre que possível, jogar contra os “mais altos e mais fortes” das outras equipas em situação de desvantagem física e técnica. Os jogadores das equipas portuguesas apresentam por norma uma estatura baixa, o que tem induzido ao estudo e procura de meios que possam combater essa desvantagem. Larrabee (1991) referencia outro aspecto importante: a transição é a possibilidade de se poder jogar com um número mais reduzido de jogadores, pelo que aumenta o espaço para a realização das acções ofensivas.

Desta forma, o contra-ataque é uma “arma ofensiva” rentável para o basquetebol português.

Este processo salienta a necessidade e a importância do ressalto ofensivo, bem como, da agressividade defensiva como formas de recuperação da posse de bola. Além disso, podem também proporcionar a obtenção de cestos sem termos de enfrentar toda a pressão defensiva contrária (Araújo, sd; Beja, 1986 In Andrade, M. 1993).

Os objectivos do ataque são chegar o mais rapidamente e perto possível do cesto adversário, utilizando sempre o contra – ataque, pelo que, o atacante com bola tem de ser ofensivo, tentar o um contra um e identificar e assumir as situações de lançamento (Gomes, M. 1986). Para este autor, na sua concepção de jogo ofensivo, existem duas ideias importantes:

(1) só há ataque de posição quando não se consegue um bom lançamento de contra – ataque;

(2) a estrutura tática ofensiva fundamental é o “1x1” – lançamento e ressalto.

Por seu lado, Barreto (1980) considera que na sequência da transição nem sempre se consegue alcançar o cesto, sendo que, se deve procurar o enquadramento que conduza de imediato à fase de jogo seguinte. Já Hutchison (1989) menciona que a velocidade da transição deve ser só tão rápida quanto a capacidade dos jogadores de controlar o seu corpo e a bola.

Verifica-se ainda que, as regras de jogo influenciam também a realização da transição defesa – ataque.

No fundo, a transição defesa – ataque promove o respeito pelos princípios de jogo: progressão rápida da bola e de uma forma eficaz; concretização de um cesto de uma forma rápida, e, controlo de bola, no sentido de conservar a sua posse.

2.2.1. O papel da Transição na formação de um jogador mais completo

A transição defesa – ataque representa um aspecto fundamental no ensino do jogo – desde os primeiros momentos da aprendizagem – e um longo caminho a percorrer ao longo da formação de um jogador ou de uma equipa.

A transição defesa – ataque pode ser vista como uma estrutura essencial na aprendizagem das relações táticas e técnicas de base no basquetebol. Funciona também como uma aprendizagem dos princípios da transição da defesa, como meio indispensável para a futura evolução desta fase de jogo, tão importante nesta modalidade (Beja E., 1984).

A transição defesa – ataque deve ser a fase de jogo privilegiada como forma de alcançar a evolução da qualidade do mesmo.

A introdução e a maturação destes princípios táticos no jogo deve sempre visar a organização das acções colectivas e essencialmente ser via facilitadora do êxito. Por seu turno, a motivação sugerida pelo êxito é um dos factores mais importantes para a aquisição da destreza motora, como refere Knapp citado por Janeira (1988) (In Andrade, M., 1993).

O objectivo da formação contínua – na qual se insere a fase da transição ofensiva - deve ser o de obter um jogador capaz de resolver com eficácia as diferentes situações que possam ocorrer durante o jogo.

A transição defesa - ataque é constituída por três fases, apresentadas por Beja (1984) e Janeira (1988), sendo elas: o início, o desenvolvimento e a finalização.

Os princípios táticos a adoptar na fase de Transição Defesa-Ataque deverão assim dar a compreender aos praticantes formas de ordenamento do espaço do jogo e das acções combinadas dos jogadores, após a conquista da bola, com vista ao alcançar do cesto. Por outro lado, deverão ordenar-se de tal modo que, a segunda fase de organização ofensiva (o ataque propriamente dito) surja na sequência posicional da fase anterior, dando continuidade aos movimentos ofensivos. Lima (1988), sugere que a transição só será eficaz se for organizada de tal modo que a passagem do posicionamento defensivo para o ofensivo se realize num tempo mínimo e com argumentos que contrariem a acção dos defensores.

2.3. Fases da Transição defesa - ataque

2.3.1. Início da Transição defesa - ataque

A fase de transição defesa – ataque inicia-se com reposições da bola pela linha final, com posse de bola por conquista de ressalto defensivo, com reposição pela linha lateral e posse por intercepção, como referem Barreto (1980), Beja (1984) e Janeira (1988). No entanto, para Hutchison (1989) e Comas (1991), o ressalto é a situação que ocorre com mais frequência para iniciar um contra – ataque.

A situação mais frequente de contra – ataque inicia-se com a recuperação da posse de bola a partir do ressalto defensivo (Mário Silva in Lima, 1988).

Para o início da transição defesa – ataque é necessário recuperar a posse de bola, que pode ser: após cesto sofrido, após ressalto defensivo, roubo de bola, intersecção, erro técnico, e, após outras situações. É importante referir que é quase sempre uma situação de jogo com uma grande concentração de jogadores junto ao cesto e na área restritiva.

Após a conquista da posse de bola estamos na fase de desenvolvimento da transição defesa – ataque.

2.3.2. Desenvolvimento da Transição defesa - ataque

A partir da recuperação da posse de bola iniciamos o desenvolvimento da transição defesa – ataque, no qual pretendemos avançar a bola rapidamente e de forma segura, no sentido do cesto adversário.

Da aglomeração na área restritiva passamos para uma situação de libertação do corredor central, devido à ocupação dos corredores laterais pelos atacantes, e o conseqüente arrastamento dos respectivos defensores (Janeira 1988).

O mesmo autor apresenta quatro princípios da qualidade do jogo na fase de desenvolvimento da transição defesa – ataque, nomeadamente:

(1) após conquista da posse de bola, observação do posicionamento dos diferentes companheiros;

(2) abertura de linhas de passe, pela ocupação das primeiras estações de recepção;

(3) todos os deslocamentos deverão ser feitos de frente para o jogador na posse de bola;

(4) os jogadores das segundas estações de recepção deverão estar mais juntos das linhas laterais do que os das primeiras, de modo a manterem o controlo visual da bola e do cesto contrário.

Já Beja (1984) define quatro estações de recepção para o desenvolvimento da transição. Segundo este, deve existir uma ocupação das estações de recepção, uma ocupação equilibrada dos três corredores do campo (central e lateral) e condução de bola em drible pelo corredor central. A condução da bola deve ser realizada pelo corredor central, pois permite a existência de duas linhas de passe aos jogadores que se deslocam nos corredores laterais, sendo também um importante factor de divisão da atenção dos defensores, como sublinha Janeira (1988).

Barreto (in Lima, 1988), citando Jim Valdano, menciona que na transição os jogadores são numerados de um a cinco, cabendo a cada número uma função específica. O número um é o responsável por transportar a bola em drible após receber o primeiro passe, que lhe é sempre dirigido. A exploração em drible pelo número um deve ser feita pelo corredor lateral esquerdo. Os jogadores dois e três têm sempre a mesma função: o número dois no corredor lateral direito e o número três no corredor lateral esquerdo. Entre o quatro e cinco, as funções são permutáveis. O jogador que não ganhar o ressalto sai pelo lado da bola, via corredor central, para se apresentar ao lado da bola como poste. Por seu turno, o jogador que ganhar o ressalto sai pelo lado oposto da bola, pelo corredor central. A condução da bola em drible pelo corredor central ou lateral depende da leitura do jogo, devendo considerar-se aquele que possibilite uma aproximação mais rápida do cesto adversário e a consequente eficácia da transição defesa – ataque.

2.3.3. Finalização da Transição defesa - ataque

Para a eficácia da finalização, Beja (1984) considera que o respeito pelo princípio da condução da bola pelo corredor central é de capital relevância, uma vez que, facilita a realização de passes para qualquer um dos lados pelos jogadores que se deslocam nos corredores laterais, o que é fundamental para a divisão dos defensores. Sempre que existir um jogador livre e numa posição óptima para a finalização, deve-lhe ser passada a bola. Se um jogador, ao penetrar em drible, não possuir oposição, deve continuar

a penetração até à finalização, sendo a situação ideal de finalização o um contra zero. Quanto mais rápida for a transição defesa – ataque, maiores probabilidades existem de finalização em situação de superioridade numérica.

Concluindo, a finalização da transição defesa – ataque pode ocorrer por perda de posse de bola ou por lançamento, podendo ocorrer situações de finalização como o: um contra zero, um contra um, dois contra um e três contra dois.

2.4. Formas de Gestão da posse de bola

Depois de apresentadas as fases da transição ofensiva e de as perspectivarmos à luz de diversos especialistas, parece-nos fundamental expor as principais formas com pode ser gerida a posse de bola.

2.4.1. Controle de bola Vs Contra-ataque

O uso do controle da posse de bola é muitas vezes associado a equipas que enfrentam adversários mais fortes. No entanto, esta ideia não esta restringida unicamente a estes casos.

Existem muitos treinadores que mantêm a forma de fazer a transição em controlo da posse de bola independentemente da qualidade dos adversários contra quem jogam. Referem que uma equipa que controla a posse de bola é mais estável do ponto de vista emocional – já que não tem tantos *turnovers* - e também porque raramente perde por muitos pontos de diferença. Por esta ultima razão, entre outras, existem vários treinadores que optam sempre por este tipo de transição, sendo que, neste tipo de transição as equipas têm tendência a não conseguir aproveitar as situações de contra-ataque.

O contra-ataque, não é só uma arma que entusiasma o público e os jogadores, como também permite às equipas aumentar as suas percentagens de lançamento, já que permite lançamentos em vantagem numérica e próximos do cesto. Muitas vezes mesmo sem conseguirem a vantagem numérica as equipas finalizam em situações de jogo reduzidas,

como o 2x2, 3x3, 4x4, argumentando que se devem conseguir, mesmo assim, boas percentagens. Tal prender-se-á com o facto da defesa ainda não ter tido tempo de se organizar, e com o facto de se encontrarem menos jogadores próximos do cesto maior, incrementando a probabilidade de encestar. Logicamente, é muito mais fácil encestar quando se joga 2x2 do que 5x5.

Um contra-ataque com êxito serve para desconcentrar e enervar o adversário, principalmente se este vier na consequência de um erro do mesmo.

Para Oliveira, J. (1996) esta transição – dos jogadores e da bola – para a zona de ataque, corresponde a um dos princípios operacionais do ataque, sendo que, existem equipas que independentemente dos adversários recuperarem para a zona defensiva ou estenderem a sua defesa no campo, apresentam sempre a mesma forma na transição. Porém, observamos que outras apresentam formas de organizar a transição de acordo com as diferentes situações provocadas pelos adversários.

2.5. Definição de conceitos

Atendendo à amplitude de definições disponíveis relativas a termos significativos para a compreensão do objecto de estudo em análise, consideramos pertinente clarificar alguns dos conceitos mais importantes.

2.5.1. Contra-ataque (CA)

É um método de jogo que é entendido como uma sub-fase do ataque em que a equipa que possui a bola tenta surpreender a equipa adversária, ainda desorganizada em termos defensivos, para obter vantagem numérica (Teodorescu, 1984). Segundo o mesmo autor, o contra ataque é caracterizado por grande velocidade de circulação de posse de bola e dos jogadores, por número de passes reduzidos e por superioridade numérica ou posicional.

Porém, a transição, ainda que deva ser realizada com a maior velocidade possível, só pode ser considerada como contra-ataque quando

existe superioridade numérica por parte da equipa em posse de bola (Araújo, 1992 In Andrade, M. 1993).

No entanto, de acordo com Tavares e Cruz (2002) In Fernandes (2002), o Contra-Ataque é uma sub-fase que se inicia com a recuperação da posse de bola no meio campo defensivo, fazendo a progressão da mesma em direcção ao cesto adversário e tentando a vantagem numérica. Se esta ocorrer com a participação máxima de três jogadores encontramos-nos perante o primeiro contra-ataque (1CA); se ocorrer com participação do quarto ou cinco jogadores, designamo-la por segundo contra ataque (2CA), como por exemplo:

1º Contra ataque (1CA) – 1x0, 2x1, 3x2;

2º Contra ataque (2CA) – 4x3, 5x4.

2.5.2. Ataque Rápido (AR)

Quando uma equipa não consegue finalizar em superioridade numérica (vulgo CA), por vezes mantém a sua pressão ofensiva no sentido de procurar rapidamente uma situação de finalização, aproveitando-se da desorganização defensiva da equipa adversária. Assim, se a finalização ocorrer em situação de 5x5, mas na qual se verifica ainda a desorganização defensiva, é designada por Ataque Rápido (AR).

2.5.3. Ataque de Posição (AP)

Segundo Teodurescu (1984), o ataque de posição (AP) corresponde a uma forma de jogo em que a construção se baseia numa organização cuidada e, portanto, mais demorada, das acções dos jogadores numa determinada estrutura ou dispositivo de ataque. Define-se AP a partir do momento em que todos os jogadores atacantes se encontram no meio campo ofensivo e nas posições definidas pelo sistema ofensivo a utilizar.

2.5.4. Zonas de recuperação da posse de bola

Com o objectivo de identificar a zona do campo – meio campo defensivo – na qual a equipa recupera a posse de bola (todas as sequências defensivas que não acabem após finalização do adversário), neste estudo, o

meio campo foi dividido em 9 zonas, compreendendo 3 faixas e 3 corredores, de acordo com o descrito por diversos autores (Mikes, 1987; Oliveira, 1993; Silva, 1996; Cruz, 1998; Gomes, 2000; In Tavares e Cruz, 2002).

A apresentação gráfica afigura-se esquematizada na **Figura 1**, abaixo:

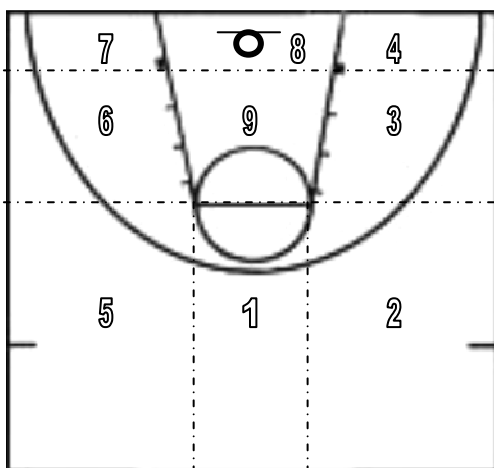


Figura 1 - Apresentação gráfica do meio campo de basquetebol (Mikes, 1987; Oliveira, 1993; Silva, 1996; Cruz, 1998; Gomes, 2000; In Tavares e Cruz, 2002).

A primeira faixa situa-se acima da linha de lance livre e compreende três zonas: duas laterais (2 e 5) e uma central (1).

A segunda faixa situa-se entre a linha de lance livre e uma paralela que intercepta a projecção vertical da parte interior do aro. Esta faixa inclui ainda três zonas delimitadas pelas linhas da área restritiva: duas exteriores (3 e 6) e uma interior (9).

Por fim, a terceira faixa compreendida entre o limite da segunda faixa e a linha final. Dela fazem parte três zonas, à semelhança da segunda faixa (4 e 7 exteriores e 8 interior), embora de menores dimensões.

2.5.5. *Formas de recuperação da posse de bola*

No seguimento da clarificação de conceitos até aqui desenvolvida, daremos continuidade à mesma, incidindo agora sobre as possíveis formas de recuperar a posse de bola. Tal revela-se de capital relevância para a posterior análise e compreensão dos resultados.

Assim, consideramos:

Roubo de bola (Rb): representa a forma de recuperação da posse de bola sobre um adversário em posse desta, em situação de 1x1 (Farinha V., 2004).

Intercepção (I): representa a acção desenvolvida por um jogador que se interpõe na trajectória da bola, quando esta é passada entre jogadores da equipa adversária. Para ser considerada, o jogador que realiza esta acção terá de ficar na posse de bola.

Erro técnico (ET): representa a forma de recuperação da posse de bola, resultado de uma má execução técnica (passe, drible, recepção); infracção regulamentar (forma de jogar a bola, dribles, apoios, três segundos na área restritiva, cinco segundos com a bola nas mãos, falta do atacante, pisar a linha final ou lateral).

Ressalto defensivo (Rd): representa a forma de recuperação de posse de bola, após lançamento da equipa adversária, podendo este ser devolvido pelo aro ou pela tabela, ou directamente para o defensor.

Após finalização (AF): representa a forma de recuperação da posse de bola após cesto adversário.

Após outras situações (AOS): representa a forma de recuperação da posse de bola em todas as outras situações não mencionadas anteriormente e cuja frequência não é elevada. São exemplos desta categoria a

recuperação da posse de bola, após bola presa, ou após uma sanção disciplinar.

2.6. Análise do jogo de Basquetebol: contributos para a intervenção do treinador nas sessões de treino e na competição

Nos JDC, e particularmente no Basquetebol, a expressão deste forte contributo das diferentes áreas das ciências do desporto é facilmente identificável na crescente qualidade dos processos de selecção dos atletas, em métodos e meios de treino mais sofisticados, e, numa minuciosa preparação para as competições. Actualmente, a ideia de que a performance se expressa ao nível de jogo é clara e tem feito emergir a necessidade de analisar as competições e de associar este conhecimento ao sucesso desportivo; *i.e.*, ao desfecho final das competições: vitória/derrota.

As questões associadas aos métodos e meios capazes de medir a performance dos jogadores e das equipas em situação de jogo têm sido alvo de grande interesse e preocupação (Grosgeorge, 1990; Sampaio & Janeira 1999). Em última análise, o grau de validade e fiabilidade destes métodos e meios de análise de jogo vão determinar a qualidade das medições realizadas, bem como, a qualidade das decisões subsequentes.

Tendo como referência preocupações desta natureza, o processo de análise do jogo tem sofrido alterações substanciais (Hughes & Franks, 1997). O tradicionalismo expresso pela notação manual foi substituído por um modernismo assente em sistemas informáticos cujo poder permite recolher, tratar, armazenar e interpretar a informação do jogo em tempo real (Sampaio, 1999). Esta evolução positiva tem permitido melhorar:

- (1) o conhecimento da organização do jogo e dos factores que concorrem para o sucesso desportivo;
- (2) o planeamento e a organização do treino, tornando os seus conteúdos mais objectivos e específicos;

(3) a regulação da aprendizagem, do treino e da competição (Garganta, 1998).

Buzek (1986) refere que a informação recolhida a partir destes sistemas de análise pretende, fundamentalmente, orientar os treinadores para as acções mais críticas, através da identificação dos padrões que caracterizam as melhores performances no jogo. No entanto, importa referir que os seus objectivos não estão direccionados para a predição dos comportamentos individuais ou colectivos, uma vez que, na elite do Basquetebol moderno a imprevisibilidade e a adaptabilidade de comportamentos é um factor sempre presente no jogo. De facto e como refere Garganta (1998) *“os comportamentos dos jogadores e das equipas no jogo, embora repousando sobre uma organização subjacente, movem-se entre dois pólos do sistema: o vínculo, i.e., o estabelecido, as regras, e a possibilidade, i.e., a inovação, o novo”*.

Neste contexto, e no sentido de contribuir para a melhoria das performances individuais e colectivas no jogo, a utilidade destes sistemas de análise pode ser canalizada para: (1) identificar e caracterizar padrões de comportamento mais constantes, e para, (2) identificar comportamentos que, apesar de não representarem invariâncias, contribuem de forma clara para a decisão do(s) jogo(s).

2.7. Estudos sobre a Transição

A temática da transição tem vindo a ser abordada, ao longo da última década, em várias modalidades desportivas, dentro das quais o basquetebol.

Para finalizar a revisão bibliográfica sobre a temática supra mencionada procedermos a uma breve sumarização dos estudos mais significativos realizados em Língua Portuguesa, na última década.

Assim, em 1998, João Cruz e Fernando Tavares observaram duas equipas de basquetebol em confronto directo no campeonato europeu de

cadetes, tendo estudado algumas categorias, das quais destacamos a origem e frequência de primeiro e segundo CA, AR e API. Concluíram que:

- o ataque posicional foi o sistema mais utilizado pelas equipas;
- o ressalto defensivo é o “gatilho” para a maioria dos CA da equipa vitoriosa, enquanto que, a equipa derrotada iniciou a maior parte dos seus CA a partir de recuperações de bola;
- a equipa que perde inicia 2 vezes mais o ataque posicional, após primeiro, segundo CA e AR terem sido travados, sendo que, esta diferença é estatisticamente significativa.

Os mesmos autores, em 2002, analisaram a participação de Portugal no campeonato da Europa de cadetes, realizado em Portugal em 1995. Uma das categorias observadas foi a origem e frequência do CA, das transições e do AP. As conclusões a que chegaram sublinharam que:

- o AP é a fase mais utilizada, seguido do CA;
- em relação à origem da posse de bola, o AP é desencadeado com mais frequência a partir de cesto sofrido, enquanto que, o CA se realiza com mais frequência a partir da recuperação de bola no meio campo defensivo.

Três anos mais tarde, em 2005, é publicado o estudo “Análise tática ofensiva no basquetebol de alto rendimento”, por De Rose Jr., Dante; Lamas, L. e Negretti, L., da Escola de Educação Física e Esporte, da Universidade de São Paulo, Brasil. Para estes autores, a análise de jogo tem-se constituído como uma ferramenta cada vez mais poderosa nos desportos colectivos, especialmente quando se envolvem equipas de alto rendimento. Sublinham que a interacção de dados quantitativos e qualitativos pode dar aos técnicos e atletas parâmetros importantes para a definição de estratégias adequadas. A base do estudo relaciona-se com o facto de, no basquetebol, haver um senso comum de que os ataques posicionados predominam sobre os contra-ataques, não havendo, no entanto, números exactos que definam esta característica das equipas.

Neste estudo, de carácter essencialmente descritivo, o objectivo foi verificar a incidência dos tipos de ataques (contra-ataque – CA e ataque

posicional – AP) e a relação dos mesmos com a quantidade de lançamentos (tentados e convertidos) em situações de 3 e 2 pontos e lances livres da Seleção Brasileira de Basquetebol Masculina que participou no campeonato mundial realizado nos Estados Unidos da América, em 2002. Para tal foram analisados 6 jogos, através da observação de vídeo, nos quais foram anotados os lançamentos e a sua localização no campo. Concluíram que o Brasil teve, durante os seis jogos, 422 posses de bola efectivas, 85,6% das quais baseada em ataques posicionais e 14,4% em contra-ataques. Os resultados confirmam a predominância do ataque posicional e, no caso da equipa analisada, demonstram um estilo de jogo baseado nos lançamentos de média e longa distância.

Também Júlio Garganta e José Pedro Reis, no mesmo ano, realizaram um estudo cujo tema foi: "Transição defesa - ataque e método de jogo ofensivo em futebol: que relação?". Este estudo foi efectuado a partir da observação de oito jogos realizados no campeonato da Europa, em Portugal, nos quais observaram 5 variáveis: zona ou local de aquisição da posse de bola; forma de aquisição ou recuperação da posse de bola; característica do primeiro passe; velocidade de transição da bola; método de jogo ofensivo.

Concluíram que:

-quando a transição defesa - ataque é efectuada a partir dos sectores defensivos ou médio defensivo, sendo o método de jogo ofensivo preferencialmente adoptado é o contra-ataque;

-o ataque rápido é o método de jogo ofensivo com percentagens de ocorrência mais elevadas;

-após um desarme, o contra-ataque é o método de jogo ofensivo preferencialmente adoptado;

-o ataque posicional é o método de jogo utilizado após um golo sofrido, e o ataque rápido é o método preferencial após um erro do adversário;

-o perfil de transição defesa ataque, para os diferentes métodos de jogo ofensivos, consiste em adoptar um primeiro passe efectuado para a frente, raso e curto/médio.

Ainda no ano de 2005, Simão, P. realizou um estudo sobre as acções ofensivas desenvolvidas no jogo de basquetebol, com o intuito de registar as zonas de origem e finalização nas acções de ataque rápido, ataque de posição e contra-ataque, durante o jogo, utilizando o método de análise descritiva.

Concluiu que:

- as equipas utilizavam preferencialmente o ataque de posição durante as suas acções ofensivas, sendo que, o ataque rápido era o segundo tipo mais vezes utilizado, seguido pelo contra-ataque.;

- a maioria das posses de bola foi originada a partir de cesto sofrido e do ressalto defensivo;

- sempre que as equipas sofriam cesto realizavam ataque posicional, enquanto que, para o contra-ataque, a origem da posse de bola era o meio-campo defensivo, a partir de uma intercepção.

No ano de 2006, D. Barreira & J. Garganta, realizaram um estudo que pretendia analisar a transição defesa - ataque em futebol, no qual partiram do princípio de que os estados de transição provocam um desequilíbrio organizacional necessário à obtenção de golo. Definiram como objectivo do trabalho desenvolver um instrumento *ad hoc* que permitisse modelar os padrões de conduta na transição defesa-ataque que, com maior probabilidade, induzissem situações de eficácia ofensiva. Para a realização deste estudo recorreram à metodologia observacional, através da análise sequencial.

Concluíram que a maior quantidade de acções de remate sucede por via de um jogo posicional, com predomínio de passe curto e recepção \ controle, com poucas alterações do ritmo de jogo, e em que a variação dos espaços é lenta.

No mesmo ano, Almeida, F., realiza um estudo sobre a importância dos momentos de transição (ataque – defesa e defesa – ataque) num determinado entendimento do jogo, que consistia em entrevistar 3 treinadores de futebol e também na observação directa de uma semana de

treino, referente a dois treinadores. Pretendia, desta forma, caracterizar e retratar inequívoca e objectivamente, as ideias desses treinadores sobre a transição.

Concluiu que os momentos de transição assumem uma relevância inequívoca no entendimento/interpretação de jogo. Ao fazerem parte da concepção irão também ser objecto de preocupação na definição/construção/ caracterização do Modelo de Jogo criado pelo treinador para a sua equipa. A transição é, assim, um aspecto caracterizador da forma de jogar da equipa e uma parte do todo (jogo), funcionando como ligação e conexão. É composta por princípios e sub-princípios bem definidos e articulados com os restantes momentos que norteiam a equipa na criação do seu projecto colectivo de jogo.

Já em 2007, Jorge Malarranha e Jaime Sampaio, analisaram o ritmo dos jogos das finais das competições europeias de basquetebol (1988-2006) e as estatísticas que discriminam os jogos mais rápidos dos jogos mais lentos. O objectivo foi caracterizar o ritmo dos jogos de basquetebol, medido pelo número de posses de bola, e, identificar diferenças nas variáveis estatísticas entre os jogos realizados a ritmo mais elevado e os jogos realizados a ritmos mais reduzidos.

Os resultados sugerem uma tendência para um aumento do número de posses de bola e pontos marcados, e, uma diminuição na eficácia ofensiva nos jogos analisados. Por outro lado, a eficácia ofensiva dos jogos mais lentos foi significativamente superior à eficácia ofensiva dos jogos mais rápidos ($p < 0,05$). Verificou-se que as equipas tentam disputar os jogos de forma mais lenta, explorando constantemente as situações de ataque organizado, de modo a colocar os jogadores nas suas posições de melhor eficácia individual de lançamento e de maiores possibilidades de disputa de ressaltos ofensivos, tentando melhores eficácias ofensivas. Por outro lado, também se diminui as hipóteses da equipa adversária explorar situações de transição defesa - ataque em superioridade numérica, caracterizadas pelas elevadas probabilidades de sucesso.

Apesar de existir uma preocupação em estudar e analisar o jogo e especificamente a transição ofensiva, verifica-se que, no caso específico do basquetebol, ainda existem algumas incertezas.

É portanto imperioso aumentar e diversificar os estudos neste domínio, sendo bastante evidente que os estudos sobre a transição ofensiva são relativamente escassos.

Assim se compreende que este trabalho tenha como objectivo contribuir para a evolução do entendimento do jogo.

3. METODOLOGIA E MATERIAL

3.1. Amostra

Neste estudo foram analisados nove jogos de uma equipa do Campeonato Nacional de Basquetebol 1ª Divisão (CNB1), época 2008/2009. Os jogos analisados, foram escolhidos, de acordo com a posição na tabela classificativa – da equipa adversária - em relação à equipa em análise, ou com a divisão em que militam. Assim, seleccionaram-se três equipas de nível muito superior (duas do CNB1 e uma da Liga Profissional de Basquetebol), três de nível idêntico (com classificação semelhante no CNB1) e três de nível inferior (com classificação muito inferior no CNB1).

3.2. Variáveis Estudadas

Atendendo à revisão bibliográfica apresentada acima, foram seleccionadas cinco variáveis, dado serem aquelas que se mostravam como indicadores de performances mais fiáveis para o estudo da transição ofensiva, objecto de estudo do presente trabalho.

Contudo, no sentido de determinar a validade da hipótese principal deste estudo, acrescentou-se uma sexta variável: nível do adversário.

Deste modo, serão analisadas as seguintes variáveis:

- Zona de Recuperação (zona 1, zona 2, zona 3, zona 4, zona 5, zona 6, zona 7, zona 8, zona 9)

- Forma de Recuperação (após cesto sofrido (ACS), ressalto defensivo (RD), roubo de bola (RB), erro técnico (ET), intercepção (I), após outras situações (AOS))

- Velocidade de Transição (lento (L), rápido (R))

- Finalização da Transição (primeiro contra-ataque (1ºCA), segundo contra-ataque (2ºCA), ataque rápido (AR), ataque planeado (AP), igualdade numérica (IN) e inferioridade numérica (INF).

- Consequência (lançamento (L), falta sofrida (FS), turn-over (TO))

- Nível do Adversário (nível superior, nível inferior, nível equivalente)

3.3. Procedimentos para recolha de dados

Para a recolha de dados foi utilizado uma câmara de filmar digital Sony. Para o tratamento dos dados utilizamos um computador INSYS, Processador Intel T2390, recorrendo ao software SPSS 17.0.

Na observação dos jogos os dados foram registados directamente no software SPSS 17.0, sendo a seguinte metodologia utilizada quando ocorria uma recuperação da posse de bola no meio campo defensivo:

- parar a imagem sempre que ocorria uma recuperação da posse de bola e determinar a zona onde ocorria, bem como, a forma como foi conseguida;

- correr o jogo, imagem a imagem, (efectuando pausa e puxando atrás sempre que necessário) determinando o comportamento da equipa durante a transição (procura o contra-ataque ou não?);

- se a posse de bola fosse perdida antes de se verificar a transição por completo, a análise da situação específica estava terminada;

Todos os jogos em diferido duas vezes, ocorrendo a segunda observação nunca antes de um intervalo de 24 horas, no mínimo.

3.4. Fiabilidade

Para verificação dos índices da fiabilidade da observação, utilizamos a fórmula de Bellack.

$$\text{Nºde acordos} / (\text{nº de acordos} + \text{nº de desacordos}) * 100$$

Foram utilizados no cálculo duas análises de um jogo retirado ao acaso, com um espaço temporal entre cada observação superior a 24 horas, e, determinado o número de acordos e desacordos existentes entre as duas. O valor de concordância obtido foi de 97,8%, valor que sustenta a fiabilidade do estudo.

Utilizámos uma metodologia quantitativa e qualitativa, com carácter descritivo e exploratório. Todos os dados recolhidos foram introduzidos

numa base do SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 17.0, programa com o qual se efectuaram as análises descritivas e inferenciais. Dado o carácter das variáveis utilizadas, foi utilizado o teste de χ^2 (qui-quadrado), essencial para revelar se os resultados obtidos são significativos.

Procedimentos estatísticos

Utilizámos uma metodologia quantitativa e qualitativa, com carácter descritivo e exploratório. Todos os dados recolhidos foram introduzidos numa base do SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 17.0, programa com o qual se efectuaram as análises descritivas e inferenciais. Dado o carácter das variáveis utilizadas, foi utilizado o teste de χ^2 (qui-quadrado), essencial para revelar se os resultados obtidos são significativos.

Em virtude das variáveis apresentadas serem variáveis nominais a apresentação dos dados foi efectuada usando como procedimentos estatísticos as estatísticas descritivas, como: frequências, percentagens e tabelas de contingência, onde demos preferência às percentagens, considerado o melhor meio de análise deste tipo de dados. As frequências foram apresentadas quando se tornavam mais relevantes.

No entanto, como estas variáveis iam ser comparadas com uma variável ordinal, houve necessidade de recorrer à elaboração das cross-tables (cruzamento de valores).

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

4.1. Resultados

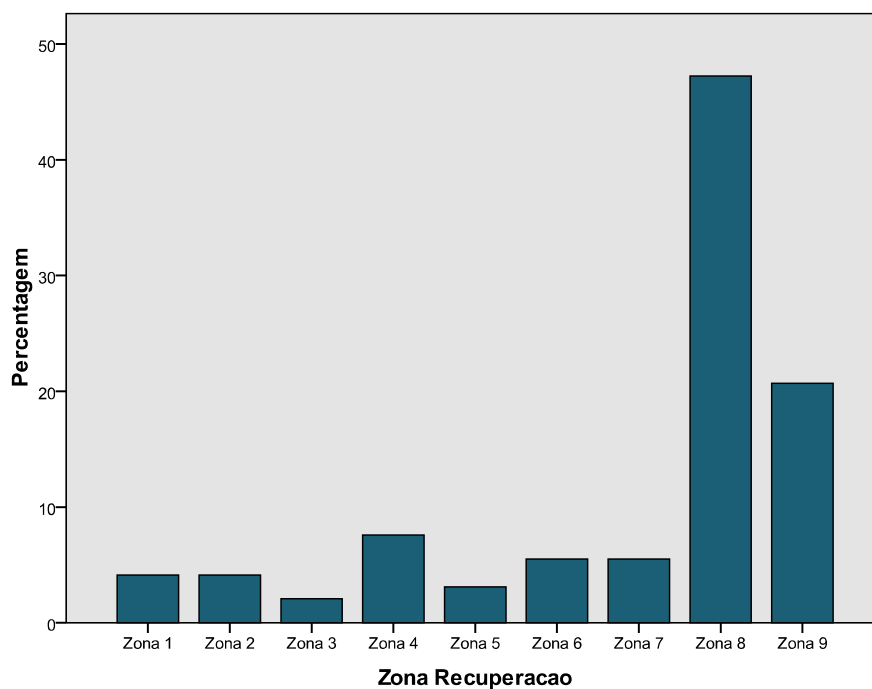
Frequências Gerais

Nos nove jogos analisados foram observadas 598 transições, apresentando-se nos gráficos seguintes as frequências das diferentes variáveis consideradas para o estudo, sendo que, em anexo, se disponibilizam as respectivas tabelas.

Variável “Zona de recuperação da posse de bola”

No **Figura 2**, podemos verificar as zonas onde foram recuperadas mais posses de bola, no total dos nove jogos observados. A zona 8 (47,2%) e a zona 9 (20,7%) foram respectivamente as mais frequentes nesta variável, como é observável na Tabela 2, em anexo.

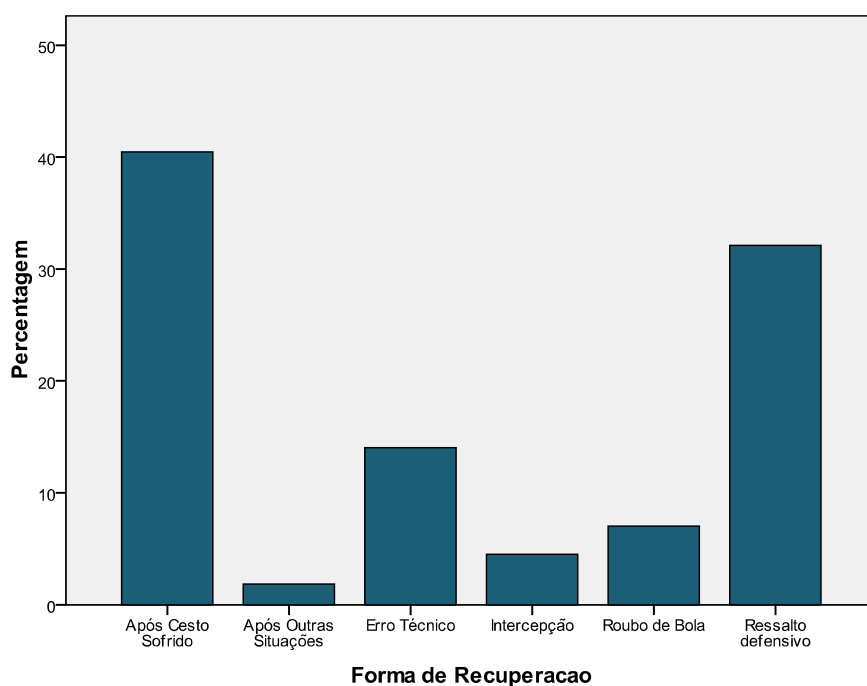
Figura 2 – Zona de Recuperação da Posse de Bola



Variável “Forma de recuperação da posse de bola”

Na **Figura 3**, podemos verificar as formas mais frequentes de recuperação da posse de bola, referentes aos nove jogos estudados. A forma mais frequente foi: Após cesto sofrido (40,5%), seguida do Ressalto defensivo (32,1%) e do Erro técnico por parte do adversário (14,0%), conforme se poderá analisar na Tabela 3, em anexo.

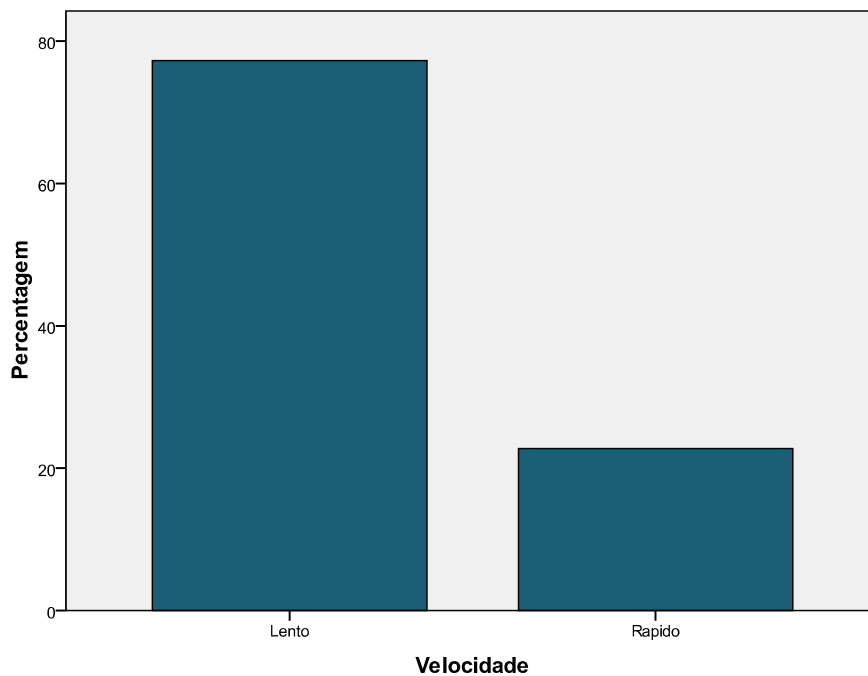
Figura 3 – “Formas de Recuperação da posse de bola”



Variável “Velocidade de transição”

No **Figura 4** e respectivamente na Tabela 4 (ver anexo), podemos verificar a velocidade da transição relativa aos nove jogos analisados, verificando-se que 77,3% foram Lentas e que 22,7 foram Rápidas.

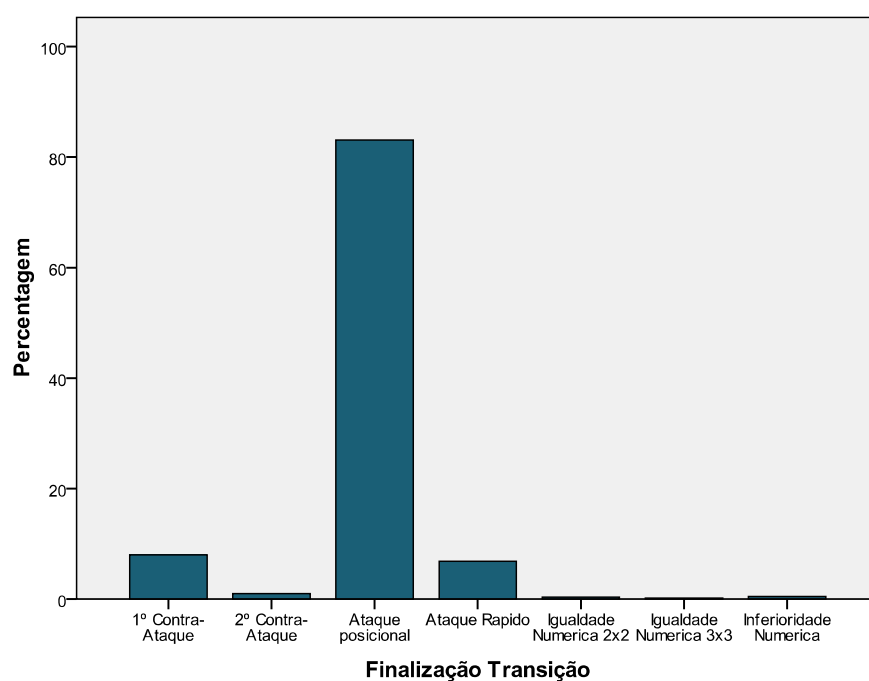
Figura 4 – Velocidade de Transição



Variável “Finalização da transição”

A tabela 5 (em anexo) e o **Figura 5**, permitem-nos verificar de que forma se finalizaram as transições nos nove jogos observados. A finalização mais frequente foi o Ataque posicional (83,1%) seguido do 1º Contra-ataque (8,0%) e do Ataque rápido (6,9%).

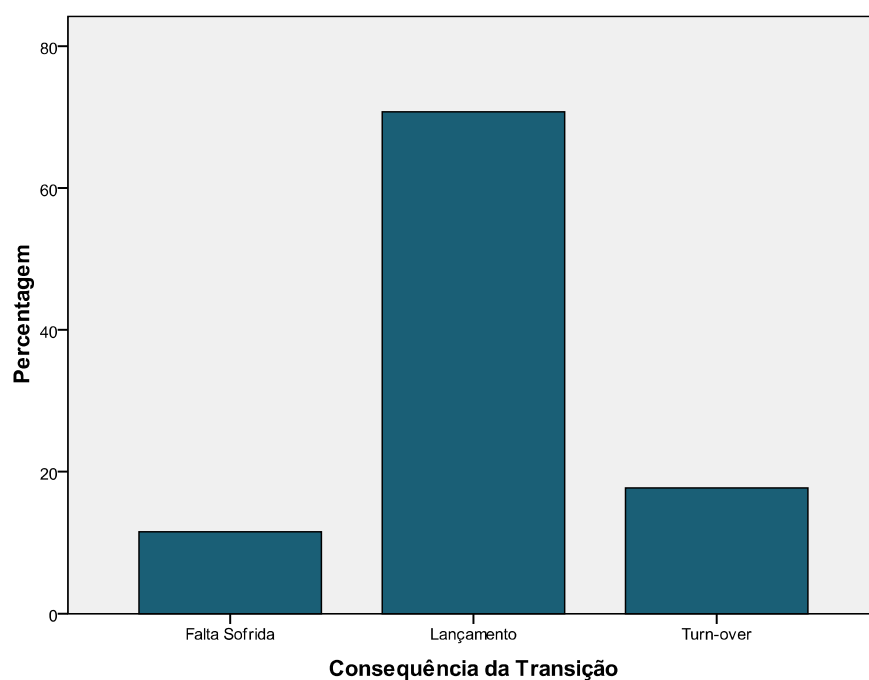
Figura 5 – Finalização da Transição



Variável “Consequência da transição”

Na **Figura 6** podemos verificar qual a consequência mais frequente para as transições, nos nove jogos em análise. As mesmas ilações poderão ser tecidas com a análise da Tabela 6. O Lançamento foi a consequência mais comum (70,7%) seguida do Turn-Over (17,7) e da falta sofrida (11,5).

Figura 6 – Consequência da transição

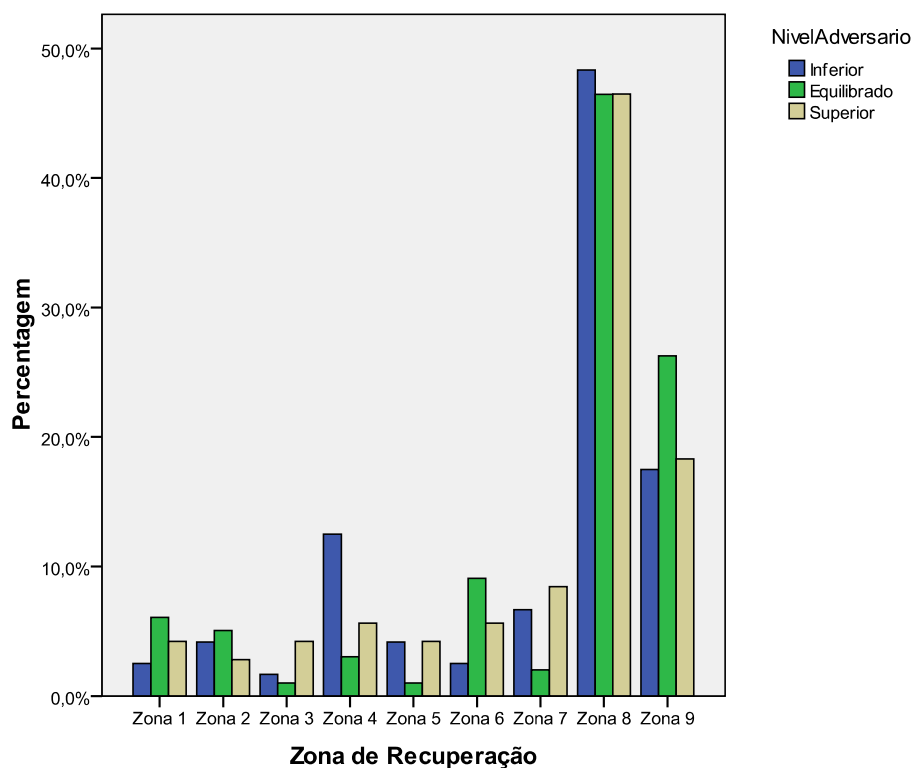


Frequências Associadas Aos Diferentes Níveis De Adversários

Variável “Zona de recuperação da posse de bola”

Na **Figura 7** e na tabela 7 (ver anexo), podemos verificar as zonas onde foram recuperadas mais posses de bola, no total dos nove jogos, sendo que, existe a separação destes pelos três níveis de adversários. Evidenciam-se, independentemente do adversário, as zonas 8 (48%; 46,5%; 46,5% pela mesma ordem do gráfico) e a zona 9 (17,5%; 26,3%; 18,3% pela mesma ordem do gráfico). No entanto, dependendo do nível do adversário ainda se evidenciam outras zonas. Nos adversários de nível inferior a Zona 4 surge com 12,5%, e, com adversários equivalentes a Zona 6 com 9,1%. Com adversários de nível superior destaca-se a Zona 7 com 8,5%. Foi ainda realizado o teste de χ^2 , para o qual se obteve um valor de 0,099, de acordo com o que se poderá observar na Tabela 9 em anexo.

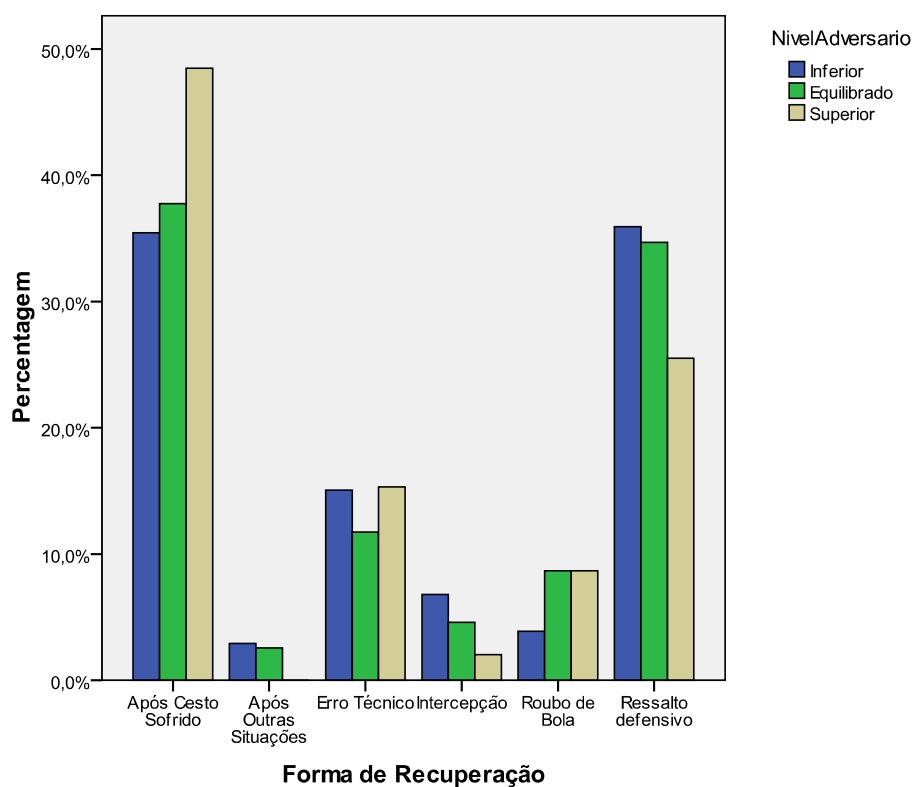
Figura 7 – Zonas de Recuperação da Posse de Bola



Variável “Forma de recuperação da posse de bola”

Na **Figura 8**, podemos verificar as formas mais frequentes de recuperação das posses de bola, no total dos 9 jogos, sendo que existe a separação destes pelos 3 níveis de adversários. Verifica-se que quando se defrontam equipas de nível inferior a forma mais comum de recuperação da posse de bola é o RD (35,9%), seguido de ACS (35,4%) e do ET (15%). Quando se defrontam equipas equivalentes a forma mais comum é ACS (37,8%) seguido do RD (34,7%) e do ET (11,7%). Com adversário superiores o ACS (48,5%) é a forma mais comum seguindo-se pelo RD (25,5%) e pelo ET (15,3%). Com base na análise da Tabela 11, em anexo, comprova-se que o valor de χ^2 é de 0,006.

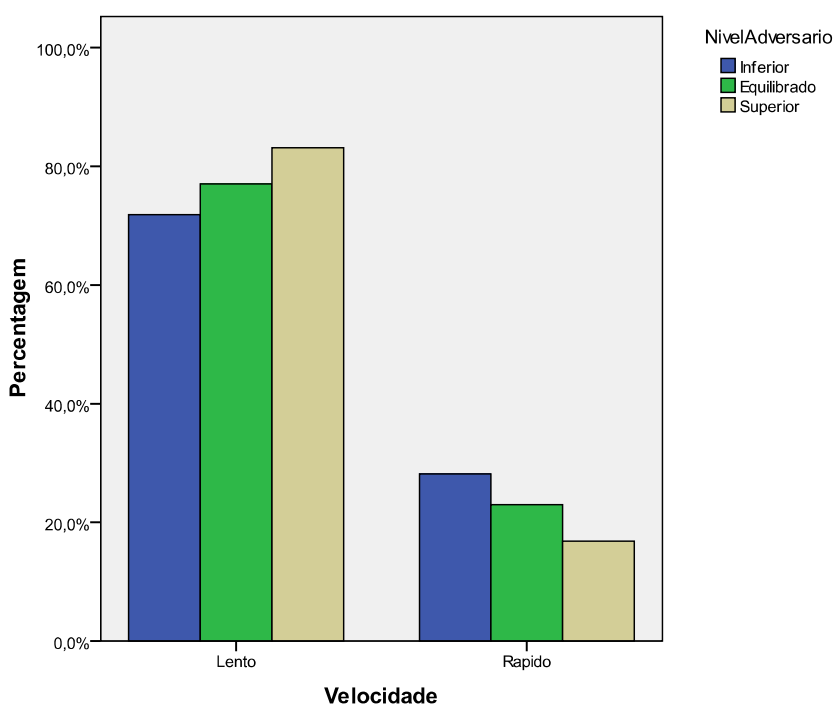
Figura 8 – Forma de Recuperação da Posse de Bola



Variável “Velocidade de transição”

Na **Figura 9**, podemos verificar a velocidade mais frequentemente utilizada nas transições, no total dos 9 jogos, existindo a separação destes pelos 3 níveis de adversários. Os valores para as transições lentas são 71,8%; 77,0%; 83,2% (pela mesma ordem do gráfico), enquanto que, os valores para as transições rápidas são 28,2%; 23,0%;16,8% (pela mesma ordem do gráfico). Ao se analisar a significância destes resultados com recurso ao teste de χ^2 verifica-se que o mesmo exibe um valor de 0,026 , conforme a tabela 13 em anexo.

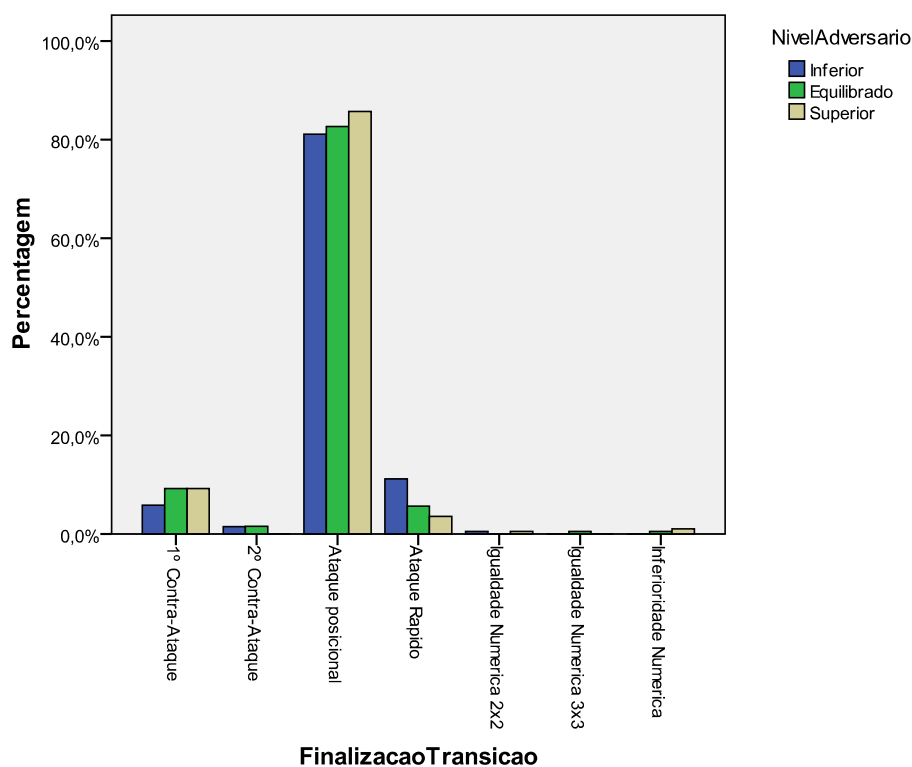
Figura 9 – Velocidade de Transição



Variável “Finalização da transição”

Na **Figura 10**, podemos verificar a forma como se finalizaram as transições, no total dos 9 jogos, com a separação destes pelos 3 níveis de adversários. Consta-se que o ataque posicional é o mais frequente em todos e para todos os níveis de adversário (81,1%; 82,7%; 85,7% pela mesma ordem do gráfico). No entanto, como segunda forma mais frequente para adversários de nível inferior temos o AR (11,2%), ao passo que, para adversário equivalentes ou superiores aparece o 1ºCA (9,2%). Ao se proceder ao estudo da significância destes resultados deparamo-nos com um de $\chi^2 0,081$, de acordo com a Tabela 15, em anexo.

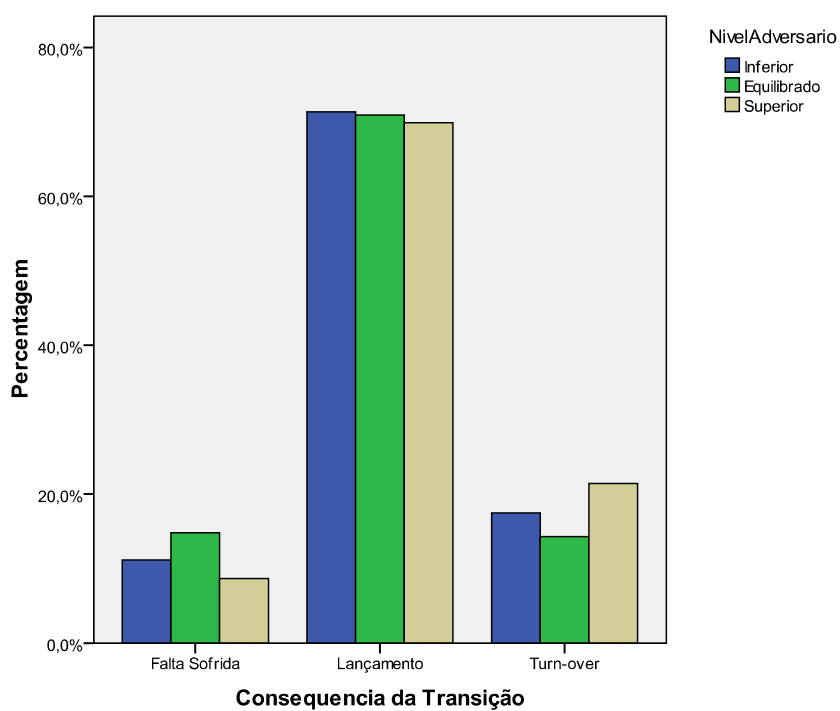
Figura 10 – Finalização da Transição



Variável “Consequência da transição”

Na **Figura 11**, podemos verificar a consequência mais frequente das transições, no total dos 9 jogos, sempre com a separação destes pelos 3 níveis de adversários. Tal permite aferir que o lançamento é a consequência mais frequente para todo o tipo de adversário (71,4%; 70,9%; 69,9% pela mesma ordem do gráfico), destacando-se o recurso ao teste de χ^2 , conforme a Tabela 16 em anexo, de com um valor de 0,193.

Figura 11 – Consequência da Transição

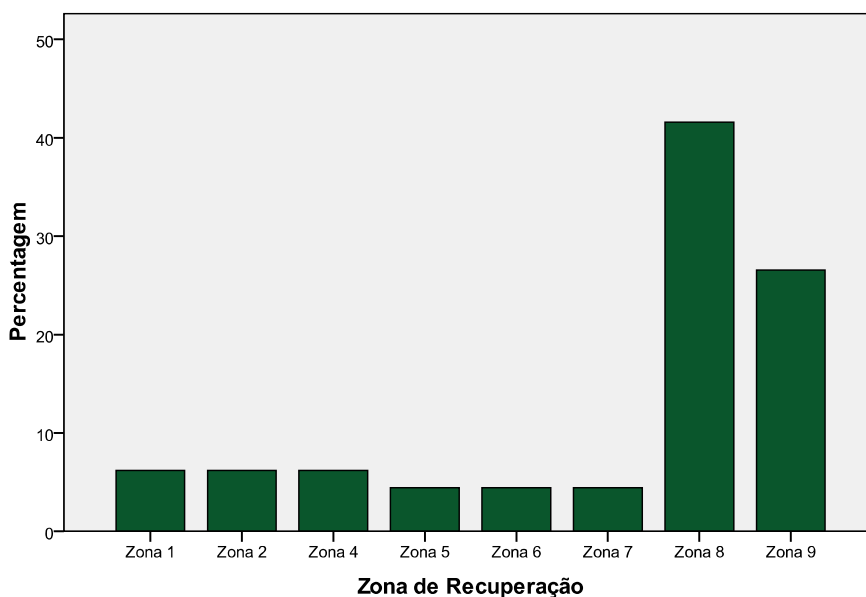


Frequências Referentes Às Transições Rápidas

Variável “Zona de recuperação da posse de bola” em Transição Rápida

Na **Figura 12**, podemos verificar que, as zonas 8 (41,6%) seguida da zona 9 (26,5%) são as mais frequentes, sendo que, todas as outras se encontram em valores inferiores a 10%. Os mesmos resultados podem ser aferidos através da consulta da tabela 19, em anexo.

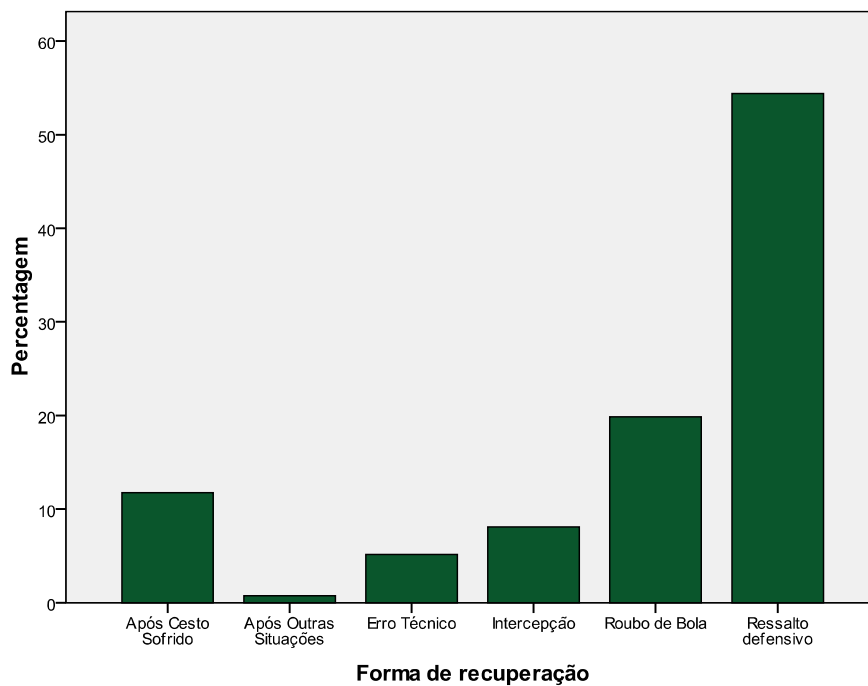
Figura 12 – Zona de Recuperação da Posse de Bola



Variável “Forma de recuperação da posse de bola” em Transição Rápida

Na **Figura 13** (e na tabela 20, em anexo), podemos verificar que a forma de recuperação da posse de bola mais frequente é o RD (54,4%) seguido do RB (19,9%) e do ACS (11,8%)

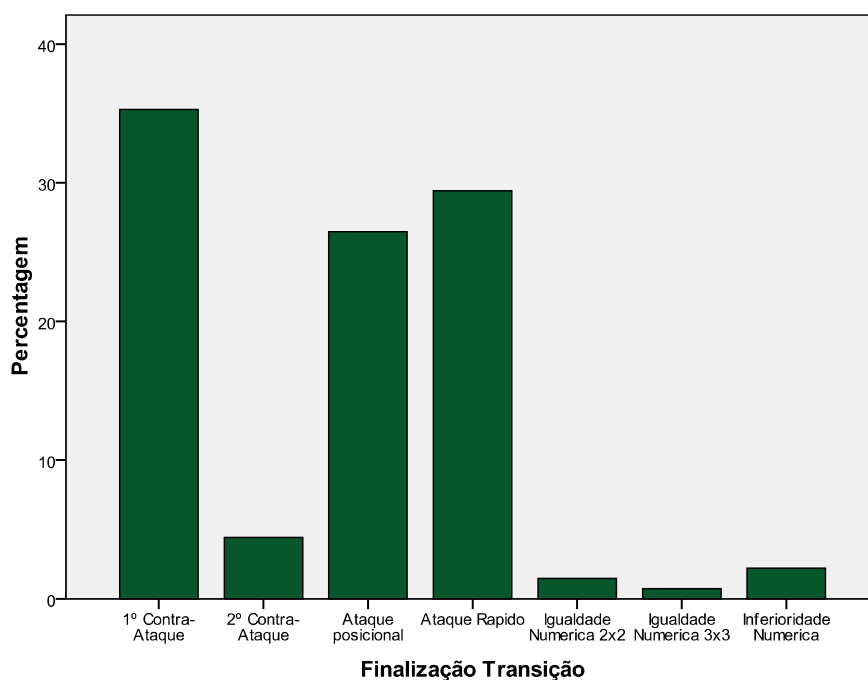
Figura 13 – Forma de Recuperação da Posse de Bola em Transição Rápida



Variável “Finalização da transição” em Transição Rápida

Na **Figura 14** e respectivamente na Tabela 21 em anexo, podemos verificar que a finalização mais frequente foi o 1ºCA (35,3%) seguido do AR (29,4%) e do AP (26,5%).

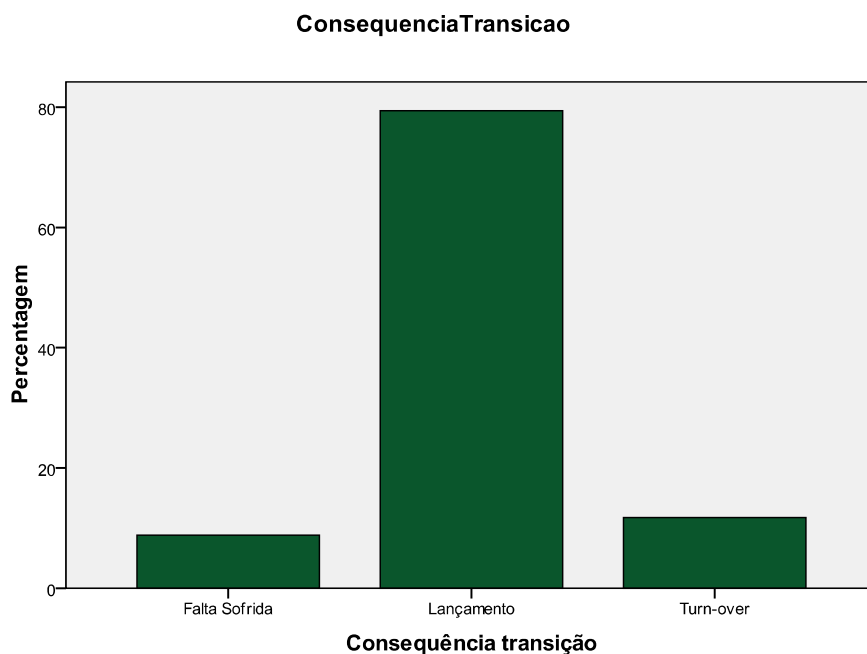
Figura 14 – Finalização da Transição



Variável “Consequência da transição” em Transição Rápida

Na **Figura 15**, podemos verificar que como consequência da transição o lançamento é o mais frequente (79,4%) seguido do Turn-over (11,8%) e da falta sofrida (8,8%). Tal poderá ser igualmente observado na Tabela 22, em anexo.

Figura 15 – Consequência da Transição



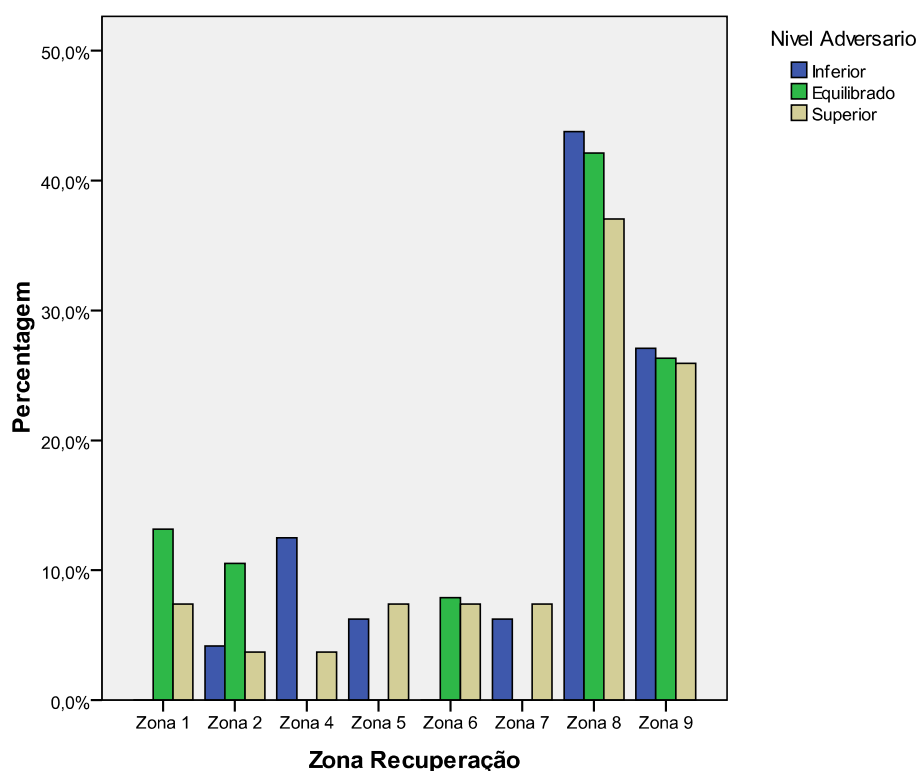
Freqüências Associadas Aos Diferentes Níveis De Adversários em Transição

Rápida

Variável “Zona de recuperação da posse de bola” em Transição Rápida

Na **Figura 16**, podemos verificar as zonas onde foram recuperadas mais posses de bola, no total dos 9 jogos e apenas nas transições rápidas, existindo a separação pelos diferentes níveis de adversários. Evidenciam-se, independentemente do adversário, as zonas 8 (43,8%; 42,1%; 37,0% pela mesma ordem do gráfico) e a zona 9 (27,1%; 26,3%; 25,9% pela mesma ordem do gráfico). No entanto, dependendo do nível do adversário ainda se evidenciam outras zonas. Nos adversários de nível inferior a Zona 4 com 12,5%, adversários equivalentes a Zona 1 com 13,2%. O teste de χ^2 para esta variável assume um valor de 0,068, de acordo com a Tabela 25 em anexo.

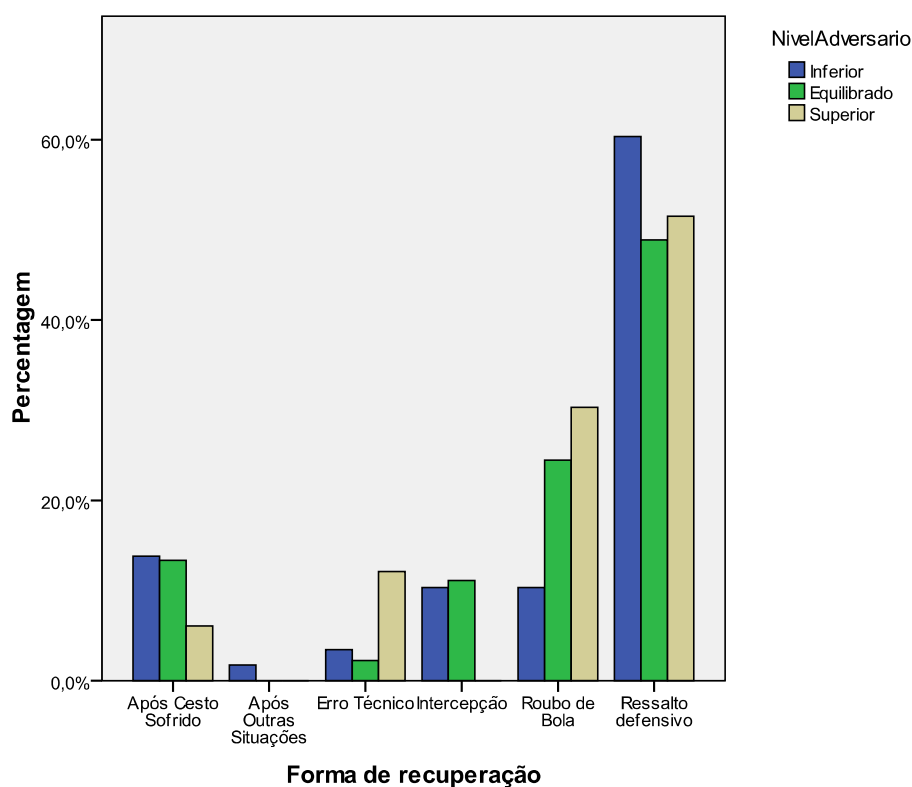
Figura 16 – Zona de Recuperação da Posse de Bola Transição Rápida



Variável “Forma de recuperação da posse de bola” em Transição Rápida

Na **Figura 17**, podemos verificar as formas mais frequentes de recuperação das posses de bola, no total dos 9 jogos e apenas nas transições rápidas, considerando que existe a separação pelos diferentes níveis de adversários. Observa-se que quando se defrontam equipas de nível inferior a forma mais comum de recuperação da posse de bola é o RD (60,3%), seguido de ACS (13,8%) e da I e RB (10,3%). Quando se defrontam equipas equivalentes a forma mais comum é o RD (48,9%) seguido do RB (24,4%) e do ACS (13,3%). Com adversário superiores o RD (51,5%) é a forma mais comum seguindo-se pelo RB (30,3%) e pelo ET (12,1%). O χ^2 para estes valores é de 0,102, de acordo com a Tabela 27, em anexo.

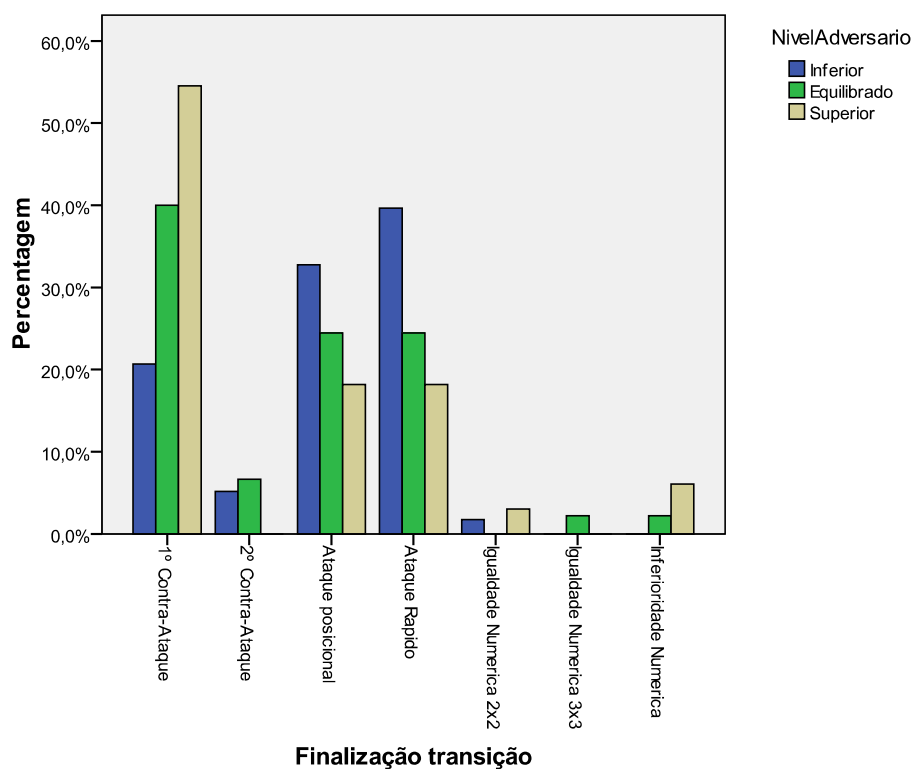
Figura 17 – Forma de Recuperação da Posse de Bola Transição Rápida



Variável “Finalização da transição” em Transição Rápida

Na **Figura 18**, podemos verificar a forma como se finalizaram as transições, no total dos 9 jogos e apenas nas transições rápidas, sempre com a separação destes pelos 3 níveis de adversários. Averiguou-se que quando se defrontam equipas de nível inferior a finalização mais frequente é o AR (39,7%) seguido do AP (32,8%) e do 1ºCA (20,7%). Com adversários equivalentes a maior frequência é para o 1ºCA (40%) seguido do AP e do AR (24,4%). No que diz respeito a adversários mais fortes, encontramos 1CA (54,5%) seguido do AP e do AR (18,2%). De acordo com a tabela 31, o χ^2 respeitante a estes resultados é de 0,041.

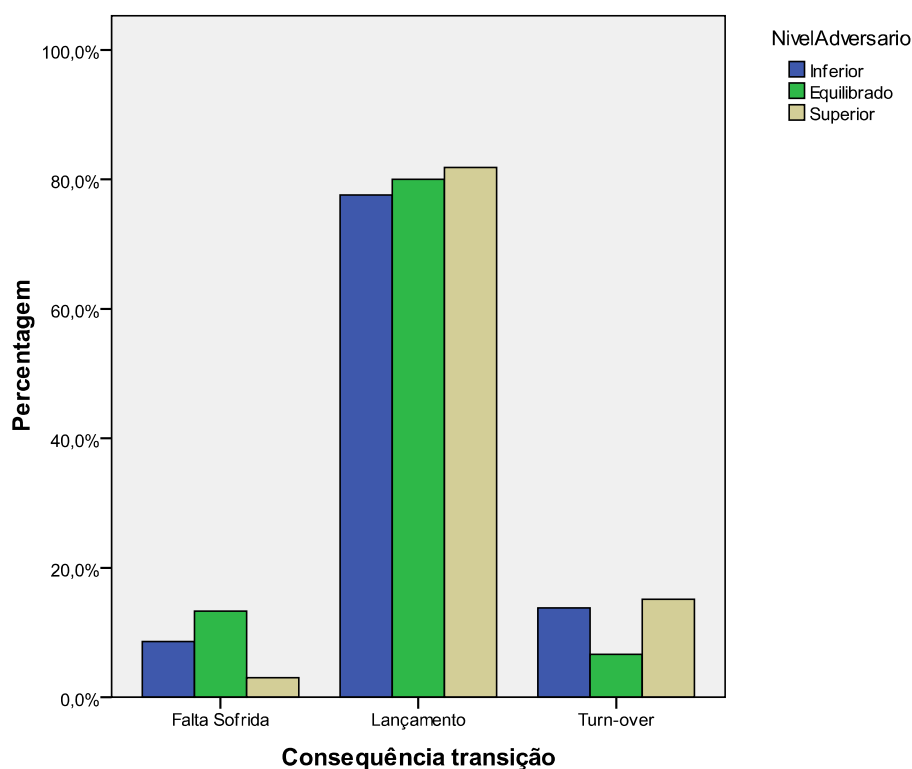
Figura 18 – Finalização da Transição. Transição Rápida



Variável “Consequência da transição” em Transição Rápida

Na **Figura 19**, podemos verificar a consequência as transições, no total dos 9 jogos e apenas nas transições rápidas, com separação destes pelos 3 níveis de adversários. Observa-se que quando se defrontam equipas de nível inferior a consequência mais frequente é o lançamento (77,6%) seguido de Turn-over (13,8%) e da falta sofrida (8,6). Com adversários equivalentes é o lançamento (80%) seguido da falta sofrida (13,3%) e do Turn-over (6,7%). Relativamente aos adversários de nível superior: lançamento (81,8%), seguido do Turn-over (15,2%) e da falta sofrida (3%). A tabela 29, em anexo, apresenta um valor de 0,425 para o teste de χ^2 respectivo.

Figura 19 – Consequência da Transição. Transição Rápida



4.2. Discussão dos Resultados

Com base nos resultados obtidos e previamente apresentados, poderemos elaborar uma caracterização geral da equipa. Tal facto poder-se-á revelar pertinente para traçar um perfil geral da mesma.

A forma como a equipa mais vezes inicia a transição é recuperando a bola após cesto sofrido, seguida do ressalto defensivo, sendo que, as zonas onde mais vezes se recupera a posse de bola é a zona oito seguida da zona nove. Tais resultados corroboram Barreto (1980), Beja (1986) e Janeira (1998) que reiteram que a fase de transição defesa – ataque se inicia fundamentalmente com reposições da bola pela linha final e com posse de bola por conquista de ressalto defensivo. Sublinha-se ainda que estas conquistas são feitas a maior parte das vezes em zonas centrais próximas do cesto, pois, são momentos com uma grande concentração de jogadores nessas áreas. Podemos encontrar resultados semelhantes em estudos como em Simão, P. (2005) que conclui que a maioria das posses de bola é originada a partir de cesto sofrido e do ressalto defensivo.

A velocidade de transição da equipa foi lenta em 77,3% dos casos e rápida em 22,7%. Encontramos alguns indicadores para os resultados na forma como a posse de bola foi recuperada – após cesto sofrido 40,5% e erro técnico do adversário 14% - situações que provocam reposições de bola pela linha de fundo e linha lateral e, por isso, situações que permitem que a defesa recupere e organize, conduzindo a transições ofensivas lentas. O final das transições foi em 83,1% dos casos em ataque planeado, indicando que existe alguma tendência da equipa em explorar este tipo de situação. Talvez possa indicar que a equipa tem como princípio de jogo ofensivo o ataque posicional.

Os últimos resultados encontrados são coincidentes com estudos como o de João Cruz e Fernando Tavares (1989 e 2002), De Rose Jr., Dante; Lamas, Leonardo; Negretti, Luiz O.(2004), nos quais se pode encontrar referência ao ataque posicional como sendo o mais utilizado pelas

equipas observadas. Já no estudo de Jorge Malarranha e Jaime Sampaio (2006) verificou-se que as equipas tentam disputar os jogos de forma mais lenta, explorando constantemente as situações de ataque posicional. Talvez seja interessante também perspectivar estes resultados a luz das conclusões de D. Barreira & J. Garganta (2004), que se verificaram uma maior quantidade de acções de finalização sucede por via de um jogo posicional, com poucas alterações do ritmo de jogo, e em que a variação dos espaços é lenta.

Quando cruzamos estes dados com o nível do adversário defrontado reparamos que se encontram diferenças ao nível da zona da recuperação da posse de bola; ou seja, contra equipas de nível superior a forma mais comum de recuperar a posse de bola é após cesto sofrido, enquanto que, quando se defrontam equipas de nível inferior, a forma mais comum é o ressalto defensivo. Já quando os adversários são de nível semelhante estas duas formas de recuperação são bastante idênticas ao nível de frequência, sendo que, as diferenças encontradas são estatisticamente significativas, tanto que o valor de χ^2 é de 0,006 (conforme tabela 11 em anexo). Estas diferenças podem ser compreendidas, na medida em que, quanto mais fortes são os adversários maior será a sua capacidade de converter cestos, gerando desta forma um número muito inferior de possibilidades de conquistar a posse de bola, após ressalto defensivo. Além disso, equipas mais fortes têm mais capacidade de ressaltar ofensivamente. Por sua vez, quando se defrontam equipas de nível inferior a capacidade de converter cesto e de participar a nível de ressalto ofensivo diminui.

Na velocidade de transição verifica-se que existem diferenças estatisticamente significativas (conforme tabela 13 em anexo), dado que equipas mais fortes apresentam transições defensivas mais organizadas e coesas e filosofias defensivas agressivas. Os jogadores – a maior parte das vezes com características biométricas superiores – são dotados de princípios que lhes permitem tomar melhores decisões, havendo um menor número de ressaltos defensivos permitidos. Esta plêiade de factores conduz a que as transições sejam feitas, de forma geral, a uma velocidade lenta. No

entanto, quando se defrontam equipas de nível inferior, existem mais ressaltos defensivos (em termos absolutos e também percentuais, tal como indicam o gráfico 7 da apresentação dos resultados e a tabela 10 em anexo), situações que estão indicadas bibliograficamente como sendo originárias de transições mais rápidas (João Cruz e Fernando Tavares, 1998). Equipas de nível inferior apresentam menos organização defensiva, tomam decisões pouco assertivas e morosas, permitindo desta forma transições mais velozes num maior número de situações.

Quando dissecamos as transições e analisamos unicamente as transições rápidas verificamos que os resultados se desviam do perfil geral da equipa, ou seja, no que diz respeito à origem das transições rápidas apuramos que a forma de recuperação da posse de bola mais frequente é o ressalto defensivo seguido do roubo de bola. Os valores encontrados indicam-nos que estas são as formas mais comuns de recuperação da posse de bola, que dão origem a transições rápidas, com possibilidade de originar 1º e 2º contra-ataque e ataque rápido, sendo que, transições lentas apenas podem dar origem ao ataque posicional. Compreendem-se os resultados em virtude das situações supra-mencionadas não obrigarem à reposição da bola pela linha final ou lateral, facto que, permite à equipa que recupera a posse de bola avançar imediatamente em direcção ao cesto adversário, valendo-se da vantagem posicional/espacial para aumentarem a velocidade das transições.

Tais resultados são análogos aos encontrados em estudos como o de João Cruz e Fernando Tavares (1998), Paulo Simão (2005), e também aos pensamentos de Hutchison (1989) e Mário Silva In Lima (1988), que defendem que o ressalto é a situação que ocorre com mais frequência para iniciar uma transição rápida. Podemos ainda, apoiados no trabalho de Bellotti, (1989) In Andrade, M., identificar o ressalto defensivo, roubo de bola e intercepções, como tendo o mesmo valor a nível estatístico, já que este reitera que os ressaltos defensivos e as intercepções representam, em termos estatísticos, o mesmo valor e ambos conduzem à recuperação da posse de bola.

O final das transições rápidas é, na maioria das vezes, o 1º contra-ataque, seguido do ataque rápido e ataque posicional. Os resultados parecem respeitar a ordem natural das transições que, em termos ofensivos (após recuperação da posse de bola), apresentam como macro-estruturas: o contra-ataque (CA), o ataque rápido (AR) e o ataque de posição (AP) (Graça e Oliveira, 1998; Cruz, 1998; Tavares, 1998; Gomes, 2000; Tavares e Cruz, 2002, In Simão, P. 2005).

Nestes indicadores parece importante sublinhar que os ataques rápidos se desdobraram, fundamentalmente, em 1º contra-ataque, ataque rápido e ataque posicional. De referenciar uma percentagem muito baixa do 2º contra-ataque (4,4%), o que poderá ser explicado por uma ausência de rotinas da equipa em causa, neste momento de jogo, ou por a equipa privilegiar outras estruturas.

Verifica-se também que a equipa só em 25,6% das vezes que realizou uma transição rápida é que optou por o ataque planeado. De todas as outras vezes a equipa decide por outro tipo de finalização. Pode, portanto, assumir-se que a equipa procura resoluções rápidas quando pratica este tipo de transição.

Quando comparamos os dados obtidos em função do nível do adversário defrontado, retemos que não se encontram diferenças estatisticamente significativas em aspectos como a zona e a forma de recuperação da posse de bola. Contudo, quando se compara a forma como termina a transição encontramos diferenças com relevância estatística.

Neste sentido, um dos resultados mais surpreendentes deste estudo prende-se com o apresentado no gráfico 17, tabela 30 (em anexo), onde se constata que quando a equipa defronta adversários de nível superior, em transições rápidas, 54,5% das vezes finaliza-as em contra-ataque, e, 18,2% em ataque rápido e planeado. À luz da revisão bibliográfica efectuada neste trabalho, esperar-se-ia que este valor fosse menor, dado que, como equipas superiores têm transições defensivas mais organizadas e eficientes, era expectável que as mesmas tivessem a capacidade de deter este primeiro momento do ataque. Não obstante, os resultados evidenciados permitem-nos conjecturar a possibilidade da equipa se comportar desta forma em

virtude de conseguirem escassas transições rápidas, que implicam um número inferior de jogadores adversários posicionados defensivamente. Assim, quem ataca sente a necessidade de aproveitar este momento o mais cedo possível.

Outro dado que talvez possa ajudar a corroborar esta conjectura é o facto de existir uma percentagem de 6,1% de finalizações em inferioridade numérica. Este dado poderá indicar que a equipa, realmente, tem tendência a forçar a finalização em transições rápidas

Em termos absolutos, quando a equipa defrontou adversários superiores realizou muito menos transições rápidas, mas, quando as realizou procurou a, maior parte das vezes, terminá-la em contra-ataque.

Esta tendência inverte-se com os outros níveis de adversários (equivalentes e inferiores) contra os quais realizam mais transições rápidas sem que procurem por tantas vezes finalizar em contra-ataque, verificando-se muito mais ocasiões de ataque rápido e de ataque posicional. Se formos ainda mais específicos em relação à análise destes dados verificamos que os jogos contra equipas de nível inferior são os que apresentam menor incidência de contra-ataque, no entanto, é contra estas equipas que se verifica maior incidência do ataque rápido 39,7%, valor que indica que realmente equipas de nível inferior tem mais dificuldade em se reorganizar após transição defensiva. Pode também ser indicador de que a equipa que ataca sabendo que tem mais oportunidades para o contra-ataque tente explorar estes momentos de forma diferente, aproveitando a debilidade defensiva adversária nos momentos finais da transição.

5. CONCLUSÃO

Realizando uma retrospectiva sobre o estudo desenvolvido urge tecer algumas conclusões elucidativas quanto à (in) adequação das hipóteses formuladas inicialmente, com o intuito de dotar de sentido todo o trabalho acima descrito.

De um modo geral, as zonas 8 e 9 (próximas do cesto e centrais) são aquelas onde se recuperam mais posses de bola, sendo que, o cesto sofrido e o ressalto defensivo são as formas que mais originam esta posse.

Por seu turno, a transição é realizada a uma velocidade lenta (77,3% das vezes), terminando na maioria das vezes em ataque posicional.

Quando se perspectivam os dados considerando as diferenças face ao nível do adversário defrontado, as zonas de recuperação mantêm-se, e, com adversários de nível superior, a equipa recupera mais posses de bola após cesto sofrido. Além disso, no confronto com adversários de nível equilibrado ou inferior, a forma mais comum é o ressalto defensivo.

A análise estatística efectuada revelou que estas diferenças são estatisticamente significativas, logo, a hipótese principal enunciada parece concretizar-se.

Adensando esta diferença, realçamos o facto, da velocidade ser tanto mais rápida quanto inferior é o nível de adversário, sendo que, no final da transição contra equipas inferiores deparamo-nos com o Ataque Rápido com um valor acima de 10%. Tal facto realça uma diferença no padrão de transição quando se defrontam equipas de níveis diferentes.

Paralelamente, com equipas de nível superior o valor dos turn-overs ultrapassa os 20%.

No que diz respeito às transições rápidas, deparamo-nos com um valor absoluto e percentual crescente quando se defrontam equipas inferiores, equivalentes e superior, respectivamente.

De uma forma geral, em transições rápidas, a forma de recuperar a posse de bola que mais deu origem a transições rápidas foi o ressalto

defensivo, seguido do roubo de bola. Estas transições conduzem mais vezes ao 1º contra-ataque, seguido do ataque rápido, e, depois, pelo ataque planeado.

Quando se perspectivam os dados das transições rápidas, considerando as diferenças face ao nível do adversário defrontado, o ressalto defensivo é a forma que inicia mais vezes este tipo de transição. Não obstante, quando se defrontam adversários de nível superior, o roubo de bola assume valores acima dos 30%, valor superior ao registado em relação aos outros níveis de adversários.

Em sùmula, no final das transições a equipa privilegiou o 1º contra-ataque quando defrontou equipas mais fortes (em 54,5% dos casos) e equivalentes (em 40,0% dos casos). No entanto, quando defrontou equipas de nível inferior privilegiou o ataque rápido (em 39,7% dos casos).

Concluindo, estes resultados apresentam significância estatística apoiando, novamente, a hipótese inicial de que se modifica o padrão das transições quando se defrontam adversários de diferentes níveis. Descrevendo, na generalidade, a equipa começa com diferentes formas de recuperar a posse de bola, realizando a transição a velocidades diferentes – aumentando quanto menor é o nível do adversário – e buscando macro-estruturas diferentes quando esta acaba.

5.1. Sugestões de Investigação

Com o decorrer da realização do estudo, e à medida que o tema se foi maturando, fomos sentindo que este pode e deve ser explorado noutro sentido e também de outras formas. Como tal, e para tal, deixamos algumas sugestões para futuros trabalhos a serem realizados neste âmbito:

- realizar um trabalho semelhante, mas acompanhado de uma entrevista ao treinador e a um jogador importante, com o intuito de perceber se estas (in) diferenças são ou não intencionais, e, se treinador e jogadores tem consciência do comportamento da equipa nestes momentos do jogo.

- adicionar mais algumas variáveis para estudar a rentabilidade da equipa (em termos de performance) nas diferentes macro - estruturas (contra-ataque, ataque rápido e ataque posicional), zonas de finalização e percentagens de lançamento (dois e três pontos), com a finalidade de se saber mais sobre a consequência das transições. Parece-nos igualmente desafiante comparar esses dados à luz da condição de vitória ou derrota.

6. BIBLIOGRAFIA

Adelino, J. (1991). *As coisas simples do basquetebol*. Lisboa: Direcção Geral dos Desportos.

Almeida, F. (2006). *A importância dos momentos de transição (ataque – defesa e defesa – ataque) num determinado entendimento de jogo*. Porto: Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Andrade, M. (1993). *A transição defesa-ataque em basquetebol: estudo descritivo em equipas de iniciados femininos de basquetebol*. Porto: Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Araújo, J. (1995). *Manual do treinador do desporto profissional*. Porto: Campo das letras.

Araújo, J. (1996). *Manual de Metodologia e Didáctica – Nível II*. Lisboa: Federação Portuguesa de Basquetebol, Escola Nacional de Basquetebol.

Araújo, J. (2004) *Basquetebol - Modelo de Jogo*. Lisboa: Caminho.

Barreira, D. (2006). *Transição defesa - ataque em futebol: análise sequencial de padrões de jogo relativos ao campeonato português 2004-2005*. Porto: Dissertação de Licenciatura apresentada na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Barreto, H. (1980). *Da actividade lúdica à formação desportiva*. Lisboa: Seminário de Metodologia do Basquetebol apresentado ao Instituto Superior de Educação Física da Universidade Técnica de Lisboa

Barreto, H (2001). Ensino do Basquetebol no ambiente de jogo. In Tavares, F.; Janeira, M. A., Graça, D. & Brandão, E. (Eds). *Tendências actuais da investigação em Basquetebol*. Porto: FCDEF-UP.195-202.

Beja, E. (1984). *Transposição da defesa, um caminho a percorrer. Uma proposta metodológica para a iniciação do Basquetebol*. Horizonte, Vol. I (1), Dossier Técnico, pp. I-XII.

Brandão, E.; Janeira, M. A. (2000). Guia do basquetebol em Portugal: livros, estudos e instituições. Porto: FCDEF – UP.

Brandão, E. (2001). As habilidades técnicas e a performance em jovens basquetebolistas In Tavares, F.; Janeira, M. A., Graça, D. & Brandão, E. (Eds). *Tendências actuais da investigação em Basquetebol*. Porto: FCDEF-UP.75-79.

Buzek, M. (1986). *Utilization des Enseignements obtenus lors de l'observation de matchs de premiere division dans l'entrainement des footballeurs de haut-niveau*. Trener, XXX (12), 541-545.

Comas, M. (1991). *Contraataca: contraataque y transicion*. Madrid: Editorial Gymnos.

Cruz, J.; Tavares, F. (1998). *Notational analysis of the offensive patterns in cadets basketball teams*. Notational Analysis of Sport IV, 112-119.

Farinha, V. (2004). *Análise do processo defensivo em basquetebol: estudo descritivo e comparativo em equipas masculinas portuguesas da Proliga*. Porto: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Fernandes J. (2002). *Análise da estrutura ofensiva da selecção de Basquetebol de Portugal de Juniores Masculinos: estudo descritivo e comparativo com os três primeiros classificados participantes no mundial de*

1999. Porto: Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.

Garganta, J. (1998) *Analisar o jogo nos jogos desportivos colectivos: uma preocupação comum ao treinador e ao investigador*. Horizonte, XIV (83), 7 - 14

Garganta, J. (2000). *O treino da tática e da estratégia nos jogos desportivos*. Porto: Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Gomes, M. (1986). *O ataque de posição nos iniciados*. Revista O Treinador. Vol 17, Dezembro, pp. 4-9.

Grosgeorge, B. (1990). *Observation et entrainement en sports collectives*. Paris: INSEP

Hughes, M.; Franks, I. (1997). *Notational analysis of sport*. London: E & F.N. Spon.

Hutchison, J. (1989). *Coaching girls basketball successfully: the American coaching effectiveness program leader level 1*. Champaign, IL: Leisure Press

Janeira, M. A.(1988). *A Transição defesa – ataque no jogo de basquetebol dos jovens praticantes, sua importância metodológica para compreensão do jogo*. Porto: Tese de PA apresentada ao Instituto Superior de Educação Física da Universidade do Porto.

Larrabee, H. (1991). Flow transition. In Krause, J. (Ed.), *Coaching basketball – the official Centennial Volume of National Association of Basketball Coaches*. Grand Rapids (MI): Masters Press, pp. 185-186.

Lima, T. et al. (1988). Basquetebol: textos técnicos 2. Lisboa: Direcção Geral dos Desportos.

Malarranha, J.; Sampaio, J. (2007). *Ritmo dos jogos das finais de competições europeias de basquetebol (1988-2006) e as estatísticas que discriminam os jogos mais rápidos dos jogos mais lentos*. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, Vol. 7, 2, 202-208.

Oliveira, J. (1996) *Estratégia e tática os jogos desportivos colectivos*. Porto: Centro de Estudos de Jogos da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Pinto, J.; Garganta, J. (1989). *Futebol português: importância do modelo de jogo no seu desenvolvimento*. Revista de Educação Física e Desporto . Vol. VI, 33, 94-108.

Queiroz, C. (1986). *Estrutura e organização dos exercícios de treino em futebol*. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol.

Reis, J.P.; Garganta, J. (2005). *Transição defesa - ataque e método de jogo ofensivo em futebol: que relação?* Porto: Estudos 5, 58-68.

Rose Junior, D.; Lamas, L.; Negretti, L (2005). *A análise da tática ofensiva no basquetebol*. In: Date De Rose Junior; Valmor, Tricoli. (Org.) . *Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática*. Barueri: Manole, v. , 145-172

Sampaio, A.; Janeira, M. (1999). *Análise do jogo em Basquetebol: Um estudo comparativo entre a LPB e a ACB*. Estudo dos jogos desportivos. Concepções, Metodologias e instrumento. CEDJ, FCDEF-UP, pp.118-123.

Sampaio, A. (1999) *Análise do jogo em Basquetebol: Da pré-história ao data mining*. Lecturas: Educacion Física y Deportes, Revista Digital, nº 15 (<http://www.efdeportes.com/efd15/datam.htm>).

Simão, P. (2005) *As acções ofensivas desenvolvidas no jogo de basquetebol: estudo descritivo em equipas do escalão de cadetes masculino e feminino dos Açores*. Porto: Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Tavares, F.; Cruz, J. (2002) Análise do modelo de jogo ofensivo da selecção de Portugal de Basquetebol de cadetes de cadetes masculinos. In Janeira, M.; Brandão, E.. *Estudos 3*. Porto: Centro de Estudos de Jogos Desportivos da Faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física da Universidade do Porto, 47-58.

Tavares, F.; Janeira, M. A.; Graça. A.; Pinto. D. E. e Brandão, E (eds). (2001). Tendências actuais da investigação em Basquetebol – actas do seminário «estudos universitários em basquetebol», Porto: FCDEF-UP, 76 – 89.

Teodorescu, L. (1984) *Problemas de Teoria e Metodologia nos Jogos Desportivos*. Lisboa: Livros Horizonte.

7. ANEXOS

Tabela 1

Frequências Absolutas para as variáveis em análise

	ZonaRecuperacao	FormaRecuperacao	Velocidade	FinalizacaoTransicao	ConsequenciaTransicao
N Valid	290	598	598	598	598
Missing	308	0	0	0	0

Tabela 2

Zona Recuperacao

	Frequencia	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Zona 1	12	2,0	4,1	4,1
Zona 2	12	2,0	4,1	8,3
Zona 3	6	1,0	2,1	10,3
Zona 4	22	3,7	7,6	17,9
Zona 5	9	1,5	3,1	21,0
Zona 6	16	2,7	5,5	26,6
Zona 7	16	2,7	5,5	32,1
Zona 8	137	22,9	47,2	79,3
Zona 9	60	10,0	20,7	100,0
Total	290	48,5	100,0	
Missing	99	308	51,5	
Total	598	100,0		

Tabela 3**Forma Recuperacao**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Após Cesto Sofrido	242	40,5	40,5	40,5
	Após Outras Situações	11	1,8	1,8	42,3
	Erro Técnico	84	14,0	14,0	56,4
	Intercepção	27	4,5	4,5	60,9
	Roubo de Bola	42	7,0	7,0	67,9
	Ressalto defensivo	192	32,1	32,1	100,0
	Total	598	100,0	100,0	

Tabela 4**Velocidade**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Lento	462	77,3	77,3	77,3
	Rapido	136	22,7	22,7	100,0
	Total	598	100,0	100,0	

Tabela 5**FinalizacaoTransicao**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1º Contra-Ataque	48	8,0	8,0	8,0
	2º Contra-Ataque	6	1,0	1,0	9,0
	Ataque posicional	497	83,1	83,1	92,1
	Ataque Rapido	41	6,9	6,9	99,0
	Igualdade Numerica 2x2	2	,3	,3	99,3
	Igualdade Numerica 3x3	1	,2	,2	99,5
	Inferioridade Numerica	3	,5	,5	100,0
	Total	598	100,0	100,0	

Tabela 6**ConsequenciaTransicao**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falta Sofrida	69	11,5	11,5	11,5
	Lançamento	423	70,7	70,7	82,3
	Turn-over	106	17,7	17,7	100,0
	Total	598	100,0	100,0	

Tabela 7**Variáveis em análise vs. Nível do Adversário**

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
ZonaRecuperacao *	290	48,5%	308	51,5%	598	100,0%
NivelAdversario						
FormaRecuperacao *	598	100,0%	0	,0%	598	100,0%
NivelAdversario						
Velocidade *	598	100,0%	0	,0%	598	100,0%
NivelAdversario						
FinalizacaoTransicao *	598	100,0%	0	,0%	598	100,0%
NivelAdversario						
ConsequenciaTransicao *	598	100,0%	0	,0%	598	100,0%
NivelAdversario						

Tabela 8

Zona de Recuperação vs. Nível Adversário

			NivelAdversario			Total
			Inferior	Equilibrado	Superior	
ZonaRecuperacao	Zona 1	Count	3	6	3	12
		% within NivelAdversario	2,5%	6,1%	4,2%	4,1%
	Zona 2	Count	5	5	2	12
		% within NivelAdversario	4,2%	5,1%	2,8%	4,1%
	Zona 3	Count	2	1	3	6
		% within NivelAdversario	1,7%	1,0%	4,2%	2,1%
	Zona 4	Count	15	3	4	22
		% within NivelAdversario	12,5%	3,0%	5,6%	7,6%
	Zona 5	Count	5	1	3	9
		% within NivelAdversario	4,2%	1,0%	4,2%	3,1%
	Zona 6	Count	3	9	4	16
		% within NivelAdversario	2,5%	9,1%	5,6%	5,5%
	Zona 7	Count	8	2	6	16
		% within NivelAdversario	6,7%	2,0%	8,5%	5,5%
	Zona 8	Count	58	46	33	137
		% within NivelAdversario	48,3%	46,5%	46,5%	47,2%
	Zona 9	Count	21	26	13	60
		% within NivelAdversario	17,5%	26,3%	18,3%	20,7%
Total		Count	120	99	71	290
		% within NivelAdversario	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 9

Qui-Quadrado: Zona de Recuperação vs. Nível do Adversário

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	23,581 ^a	16	,099
Likelihood Ratio	24,616	16	,077
N of Valid Cases	290		

a. 14 cells (51,9%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,47.

Tabela 10

Forma de Recuperação vs. Nível do Adversário

		NívelAdversario			Total
		Inferior	Equilibrado	Superior	
FormaRecuperacao Após Cesto Sofrido	Count	73	74	95	242
	% within NívelAdversario	35,4%	37,8%	48,5%	40,5%
Após Outras Situações	Count	6	5	0	11
	% within NívelAdversario	2,9%	2,6%	,0%	1,8%
Erro Técnico	Count	31	23	30	84
	% within NívelAdversario	15,0%	11,7%	15,3%	14,0%
Intercepção	Count	14	9	4	27
	% within NívelAdversario	6,8%	4,6%	2,0%	4,5%
Roubo de Bola	Count	8	17	17	42
	% within NívelAdversario	3,9%	8,7%	8,7%	7,0%
Ressalto defensivo	Count	74	68	50	192
	% within NívelAdversario	35,9%	34,7%	25,5%	32,1%
Total	Count	206	196	196	598
	% within	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	NívelAdversario				

Tabela 11

Qui-Quadrado: Forma de Recuperação vs. Nível do Adversário

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	24,739 ^a	10	,006
Likelihood Ratio	28,986	10	,001
N of Valid Cases	598		

a. 3 cells (16,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 3,61.

Tabela 12**Velocidade vs. Nível do Adversário**

			NivelAdversario			Total
			Inferior	Equilibrado	Superior	
Velocidade	Lento	Count	148	151	163	462
		% within NivelAdversario	71,8%	77,0%	83,2%	77,3%
	Rapido	Count	58	45	33	136
		% within NivelAdversario	28,2%	23,0%	16,8%	22,7%
Total	Count		206	196	196	598
	% within NivelAdversario		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 13**Qui-quadrado: Velocidade vs. Nível do Adversário**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	7,331 ^a	2	,026
Likelihood Ratio	7,440	2	,024
N of Valid Cases	598		

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 44,58.

Tabela 14

Finalização da Transição vs. Nível do Adversário

		NivelAdversario			Total
		Inferior	Equilibrado	Superior	
FinalizacaoTransicao 1º Contra-Ataque	Count	12	18	18	48
	% within NivelAdversario	5,8%	9,2%	9,2%	8,0%
2º Contra-Ataque	Count	3	3	0	6
	% within NivelAdversario	1,5%	1,5%	,0%	1,0%
Ataque posicional	Count	167	162	168	497
	% within NivelAdversario	81,1%	82,7%	85,7%	83,1%
Ataque Rapido	Count	23	11	7	41
	% within NivelAdversario	11,2%	5,6%	3,6%	6,9%
Igualdade Numerica 2x2	Count	1	0	1	2
	% within NivelAdversario	,5%	,0%	,5%	,3%
Igualdade Numerica 3x3	Count	0	1	0	1
	% within NivelAdversario	,0%	,5%	,0%	,2%
Inferioridade Numerica	Count	0	1	2	3
	% within NivelAdversario	,0%	,5%	1,0%	,5%
Total	Count	206	196	196	598
	% within	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	NivelAdversario				

Tabela 15**Qui-quadrado: Finalização da Transição vs. Nível do Adversário**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	19,315 ^a	12	,081
Likelihood Ratio	22,628	12	,031
N of Valid Cases	598		

a. 12 cells (57,1%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,33.

Tabela 16**Consequência da Transição vs. Nível do Adversário**

		NívelAdversario			Total
		Inferior	Equilibrado	Superior	
ConsequenciaTransicao Falta Sofrida	Count	23	29	17	69
	% within NívelAdversario	11,2%	14,8%	8,7%	11,5%
	<hr/>				
Lançamento	Count	147	139	137	423
	% within NívelAdversario	71,4%	70,9%	69,9%	70,7%
	<hr/>				
Turn-over	Count	36	28	42	106
	% within NívelAdversario	17,5%	14,3%	21,4%	17,7%
	<hr/>				
Total	Count	206	196	196	598
	% within NívelAdversario	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	<hr/>				

Tabela 17**Qui-quadrado: Consequência da Transição vs. Nível do Adversário**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	6,085 ^a	4	,193
Likelihood Ratio	6,067	4	,194
N of Valid Cases	598		

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 22,62.

Tabela 18**Frequências Absolutas das variáveis em análise apenas em Transição Rápida**

		ZonaRecuperacao	FormaRecuperacao	FinalizacaoTransicao	ConsequenciaTransicao
N	Valid	113	136	136	136
	Missing	23	0	0	0

Tabela 19**ZonaRecuperacao em Transição Rápida**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Zona 1	7	5,1	6,2	6,2
	Zona 2	7	5,1	6,2	12,4
	Zona 4	7	5,1	6,2	18,6
	Zona 5	5	3,7	4,4	23,0
	Zona 6	5	3,7	4,4	27,4
	Zona 7	5	3,7	4,4	31,9
	Zona 8	47	34,6	41,6	73,5
	Zona 9	30	22,1	26,5	100,0
	Total	113	83,1	100,0	
Missing	99	23	16,9		
Total		136	100,0		

Tabela 20**FormaRecuperacao em Transição Rápida**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Após Cesto Sofrido	16	11,8	11,8	11,8
	Após Outras Situações	1	,7	,7	12,5
	Erro Técnico	7	5,1	5,1	17,6
	Intercepção	11	8,1	8,1	25,7
	Roubo de Bola	27	19,9	19,9	45,6
	Ressalto defensivo	74	54,4	54,4	100,0
	Total	136	100,0	100,0	

Tabela 21**FinalizacaoTransicao em Transição Rápida**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1º Contra-Ataque	48	35,3	35,3	35,3
	2º Contra-Ataque	6	4,4	4,4	39,7
	Ataque posicional	36	26,5	26,5	66,2
	Ataque Rapido	40	29,4	29,4	95,6
	Igualdade Numerica 2x2	2	1,5	1,5	97,1
	Igualdade Numerica 3x3	1	,7	,7	97,8
	Inferioridade Numerica	3	2,2	2,2	100,0
	Total	136	100,0	100,0	

Tabela 22**ConsequenciaTransicao em Transição Rápida**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falta Sofrida	12	8,8	8,8	8,8
	Lançamento	108	79,4	79,4	88,2
	Turn-over	16	11,8	11,8	100,0
	Total	136	100,0	100,0	

Tabela 23**Variáveis em análise em Transição Rápida vs. Nível do Adversário**

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
ZonaRecuperacao * NivelAdversario	113	83,1%	23	16,9%	136	100,0%
FormaRecuperacao * NivelAdversario	136	100,0%	0	,0%	136	100,0%
FinalizacaoTransicao * NivelAdversario	136	100,0%	0	,0%	136	100,0%
ConsequenciaTransicao * NivelAdversario	136	100,0%	0	,0%	136	100,0%

Tabela 24**Zona de Recuperação em Transição Rápida vs. Nível do Adversário**

			NívelAdversario			Total
			Inferior	Equilibrado	Superior	
ZonaRecuperacao	Zona 1	Count	0	5	2	7
		% within NivelAdversario	,0%	13,2%	7,4%	6,2%
	Zona 2	Count	2	4	1	7
		% within NivelAdversario	4,2%	10,5%	3,7%	6,2%
	Zona 4	Count	6	0	1	7
		% within NivelAdversario	12,5%	,0%	3,7%	6,2%
	Zona 5	Count	3	0	2	5
		% within NivelAdversario	6,3%	,0%	7,4%	4,4%
	Zona 6	Count	0	3	2	5
		% within NivelAdversario	,0%	7,9%	7,4%	4,4%
	Zona 7	Count	3	0	2	5
		% within NivelAdversario	6,3%	,0%	7,4%	4,4%
	Zona 8	Count	21	16	10	47
		% within NivelAdversario	43,8%	42,1%	37,0%	41,6%
	Zona 9	Count	13	10	7	30
		% within NivelAdversario	27,1%	26,3%	25,9%	26,5%
Total		Count	48	38	27	113
		% within NivelAdversario	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 25**Qui-quadrado: Zona de Recuperação em Transição Rápida vs. Nível do Adversário**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	22,530 ^a	14	,068
Likelihood Ratio	31,277	14	,005
N of Valid Cases	113		

a. 18 cells (75,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,19.

Tabela 26**Forma de Recuperação em Transição Rápida vs. Nível do Adversário**

		NívelAdversario			Total
		Inferior	Equilibrado	Superior	
FormaRecuperacao Após Cesto Sofrido	Count	8	6	2	16
	% within NívelAdversario	13,8%	13,3%	6,1%	11,8%
Após Outras Situações	Count	1	0	0	1
	% within NívelAdversario	1,7%	,0%	,0%	,7%
Erro Técnico	Count	2	1	4	7
	% within NívelAdversario	3,4%	2,2%	12,1%	5,1%
Intercepção	Count	6	5	0	11
	% within NívelAdversario	10,3%	11,1%	,0%	8,1%
Roubo de Bola	Count	6	11	10	27
	% within NívelAdversario	10,3%	24,4%	30,3%	19,9%
Ressalto defensivo	Count	35	22	17	74
	% within NívelAdversario	60,3%	48,9%	51,5%	54,4%
Total	Count	58	45	33	136
	% within	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	NívelAdversario				

Tabela 27**Qui-quadrado: Forma de Recuperação em Transição Rápida vs. Nível do Adversário**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	15,901 ^a	10	,102
Likelihood Ratio	18,685	10	,044
N of Valid Cases	136		

a. 10 cells (55,6%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,24.

Tabela 28

Consequência da Transição em Transição Rápida vs. Nível do Adversário

			NívelAdversario			Total
			Inferior	Equilibrado	Superior	
ConsequenciaTransicao	Falta	Count	5	6	1	12
	Sofrida	% within NívelAdversario	8,6%	13,3%	3,0%	8,8%
	Lançamento	Count	45	36	27	108
		% within NívelAdversario	77,6%	80,0%	81,8%	79,4%
	Turn-over	Count	8	3	5	16
		% within NívelAdversario	13,8%	6,7%	15,2%	11,8%
Total		Count	58	45	33	136
		% within NívelAdversario	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 29

Qui-quadrado: Consequência da Transição em Transição Rápida vs. Nível do Adversário

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	3,864 ^a	4	,425
Likelihood Ratio	4,301	4	,367
N of Valid Cases	136		

a. 3 cells (33,3%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 2,91.

Tabela 30

Finalização da Transição em Transição Rápida vs. Nível do Adversário

		NivelAdversario			Total
		Inferior	Equilibrado	Superior	
FinalizacaoTransicao 1º Contra-Ataque	Count	12	18	18	48
	% within NivelAdversario	20,7%	40,0%	54,5%	35,3%
2º Contra-Ataque	Count	3	3	0	6
	% within NivelAdversario	5,2%	6,7%	,0%	4,4%
Ataque posicional	Count	19	11	6	36
	% within NivelAdversario	32,8%	24,4%	18,2%	26,5%
Ataque Rapido	Count	23	11	6	40
	% within NivelAdversario	39,7%	24,4%	18,2%	29,4%
Igualdade Numerica 2x2	Count	1	0	1	2
	% within NivelAdversario	1,7%	,0%	3,0%	1,5%
Igualdade Numerica 3x3	Count	0	1	0	1
	% within NivelAdversario	,0%	2,2%	,0%	,7%
Inferioridade Numerica	Count	0	1	2	3
	% within NivelAdversario	,0%	2,2%	6,1%	2,2%
Total	Count	58	45	33	136
	% within NivelAdversario	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 31

Qui-quadrado: Finalização da Transição em Transição Rápida vs. Nível do Adversário

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	21,715 ^a	12	,041
Likelihood Ratio	24,569	12	,017
N of Valid Cases	136		

a. 12 cells (57,1%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,24.